



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ANA BEATRIZ SANTOS AYRES DE MIRA

**O TWITTER DE DONALD TRUMP: ANÁLISE DO DISCURSO À LUZ DOS
NOVOS ESTUDOS DE SEGURANÇA INTERNACIONAL**

**MACAPÁ - AP
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ANA BEATRIZ SANTOS AYRES DE MIRA

**O TWITTER DE DONALD TRUMP: ANÁLISE DO DISCURSO À LUZ DOS
NOVOS ESTUDOS DE SEGURANÇA INTERNACIONAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Amapá como exigência parcial à obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais. Orientadora: Prof. Msc. Lourrene de Cássia Alexandre Maffra.

**MACAPÁ - AP
2018**

ANA BEATRIZ SANTOS AYRES DE MIRA

**O TWITTER DE DONALD TRUMP: ANÁLISE DO DISCURSO À LUZ DOS
NOVOS ESTUDOS DE SEGURANÇA INTERNACIONAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Universidade Federal do Amapá como exigência parcial à obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Macapá - AP, _____ de _____ de 2018

BANCA EXAMINADORA

Lourene de Cássia Alexandre Maffra, Msc.
(Orientadora – Universidade Federal do Amapá)

Paula de Carvalho Bastone, Msc.
(Universidade Federal do Amapá)

Camila Maria Risso Sales, Dra.
(Universidade Federal do Amapá)

À minha mãe, Luciana Ayres.

Agradecimentos

Primeiramente, a Deus.

À minha mãe, Luciana Ayres, pelo suporte e amor integrais que sempre me deu, sob qualquer circunstância. Obrigada por me ensinar a não esmorecer diante de nenhuma dificuldade, por mais complicada que pareça ser, e por tantas outras coisas que me ensinas diariamente, por conta disso és e serás para sempre o maior e o melhor exemplo que eu poderia ter. Tua força e tua coragem me inspiram. Além disso, obrigada, mãe, por me trazer desde minha mais tenra idade para acompanhar teus dias de trabalho na Universidade Federal do Amapá; foi desde então que me ensinaste a sentir orgulho da instituição federal à qual hoje pertencço. Toda a gratidão, respeito e amor que sinto por ti jamais caberão em um texto.

Aos meus avós maternos, José Célio e Lucidea, pelo imenso apoio dado à minha criação e por serem incansáveis ao incentivarem os meus estudos. Espero que sintam orgulho de mim. À minha madrinha, Lea, por ser uma das minhas melhores amigas, e que, construindo sua dissertação, permitiu-me dividir momentos de angústia durante o processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso. Ao meu padrinho, José Célio Junior, uma das minhas figuras paternas, por quem eu nutro profunda gratidão e respeito. Aos meus “primos-irmãos”, Lucas e Ana Luzia, por me apresentarem o amor fraternal e trazerem a mais pura alegria à minha vida.

Ao meu namorado, Luan Callins, pelo companheirismo, compreensão e apoio dados durante toda a minha graduação, além de me ensinar todos os dias um pouco mais sobre paciência, amor e perseverança.

Aos meus amigos, em especial Vitória Matos e Gabriela Amanajás, com as quais pude crescer junto, por acompanharem de perto a minha jornada há mais de quinze anos.

À Kise Machado, uma tia que a vida me deu, mas que me trata e cuida de mim como se eu fosse uma verdadeira filha.

À minha orientadora, Lourene Maffra, por sempre acreditar em mim e no trabalho que desenvolvi. Obrigada, também, pelas ocasiões em que me permitiu ser monitora de uma das suas disciplinas, fazendo uma completa diferença na minha vida ao me abrir os olhos para a docência. Aos demais mestres com quem pude aprender muito durante o curso, especialmente os professores Milton Deiró e Tiago Luedy, que me oportunizaram diversas vezes, levando-me a descobrir o amor pela carreira acadêmica.

A todos que, de alguma forma, foram capazes de contribuir com a minha formação acadêmica e pessoal.

Obrigada.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso de Donald Trump, mais especificamente as tendências existentes em sua agenda de segurança, tanto nacional quanto internacional, através do uso de suas mídias sociais pessoais (principalmente a plataforma social Twitter). Buscou-se fazer essa análise com a utilização de *tweets*, nome dado às publicações feitas na rede social, e de alguns discursos, que serviram como exemplos de *speech act*, a fim de que o uso da teoria Escola de Copenhague como embasamento teórico fosse corroborado. São apresentados os posicionamentos do presidente norte-americano diante das seguintes questões: migratória e religiosa; fronteiriça (com o México); e, por fim, nuclear (com a Coreia do Norte).

Palavras-chave: Donald Trump. Twitter. Discurso. Segurança. Escola de Copenhague.

Abstract

This work has as its objective the analysis of Donald Trump's speech, more specifically the existing trends in his security agenda, nationally and internationally, using his personal social medias (mainly the social platform Twitter). Seeking to make this analysis we used tweets, name given to the publications made on the social network, and some speeches, that were used as examples of speech act, so that the use of Copenhagen School's theory as theoretical background could be corroborated. Here are presented the positioning of the north-American president on the following issues: migratory and religious; border (with Mexico); and, in the end, nuclear (with North Korea).

Key-words: Donald Trump. Twitter. Speech. Security. Copenhagen School.

Lista de Figuras

FIGURA 1 — ATIVIDADE DO TWITTER DE DONALD TRUMP DESDE SEU PRIMEIRO TWEET EM MAIO DE 2009 ATÉ SETEMBRO DE 2017	13
FIGURA 2 — ATIVIDADE DO TWITTER DE BARACK OBAMA DESDE SEU PRIMEIRO TWEET EM ABRIL DE 2007 ATÉ SETEMBRO DE 2017.....	13
FIGURA 3 — TRUMP CARACTERIZA O SEU USO DO TWITTER	15
FIGURA 4 — RANKING DAS PLATAFORMAS SOCIAIS MAIS USADAS POR LÍDERES MUNDIAIS EM 2018	30
FIGURA 5 — LÍDERES MUNDIAIS MAIS SEGUIDOS EM 2018	31
FIGURA 6 — LÍDERES MUNDIAIS MAIS INFLUENTES EM 2018.....	32
FIGURA 7 — NARENDRA MODI CUMPRIMENTA E AGRADECE AO PRIMEIRO MINISTRO JAPONÊS ABE SHINZO.....	33
FIGURA 8 — NARENDRA MODI PUBLICA UMA SELFIE DE SEU ENCONTRO COM O PRIMEIRO MINISTRO DA CHINA, LI KEQIANG	33
FIGURA 9 — PAPA CRITICA AS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS DE DONALD TRUMP	34
FIGURA 10 — PAPA CRITICA AS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS DE DONALD TRUMP (PARTE 2).....	34
FIGURA 11 — TWEET DA CASA BRANCA COMUNICA SOBRE O TOWN HALL	37
FIGURA 12 — PRIMEIRO TWEET DE DONALD TRUMP	40
FIGURA 13 - TRUMP CRITICA OS REPUBLICANOS	41
FIGURA 14 — MAIORIA DOS AMERICANOS CONCORDA: TRUMP USA DEMAIS O TWITTER	42
FIGURA 15 — TRUMP JUSTIFICA SEU USO DO TWITTER.....	42
FIGURA 16 — TRUMP MANIFESTA SUA INSATISFAÇÃO DIANTE DO BLOQUEIO DE SEU DECRETO PRESIDENCIAL	44
FIGURA 17 — TRUMP MANIFESTA SUA INSATISFAÇÃO DIANTE DO BLOQUEIO DE SEU DECRETO PRESIDENCIAL (PARTE 2)	44
FIGURA 18 — EMBAIXADA DA SUÉCIA NOS ESTADOS UNIDOS SOBRE AS DECLARAÇÕES DE TRUMP	45
FIGURA 19 — TRUMP JUSTIFICA SUA DECLARAÇÃO.....	45
FIGURA 20 — TRUMP RETWEETA VÍDEOS ANTI-MUÇULMANOS.....	47
FIGURA 21 — PEÑA NIETO NEGA O PAGAMENTO DO MURO	49
FIGURA 22 — TRUMP AFIRMA QUE O MÉXICO PAGARÁ PELO MURO	49
FIGURA 23 — TRUMP CRITICA HISTÓRICO DAS RELAÇÕES ENTRE EUA E MÉXICO	49
FIGURA 24 — TRUMP CRITICA POSICIONAMENTO DE PEÑA NIETO.....	50
FIGURA 25 — PEÑA NIETO INFORMA QUE NÃO PARTICIPARIA DA REUNIÃO	50
FIGURA 26 — TRUMP COMENTA SOBRE REUNIÃO COM SENADORES REPUBLICANOS.....	51
FIGURA 27 — CHANCELER MEXICANO REFUTA AFIRMATIVA DE QUE O MÉXICO PAGARIA PELO MURO.....	52
FIGURA 28 — TRUMP CRITICA OS DEMOCRATAS POR CONTA DA FALTA DE ALOCAÇÃO DE RECURSOS PARA A CONSTRUÇÃO DO MURO	53
FIGURA 29 — PRIMEIRO TWEET DE TRUMP CITANDO A COREIA DO NORTE	54
FIGURA 30 — TRUMP NEGA AS AFIRMAÇÕES DE KIM JONG-UN	55
FIGURA 31 — TRUMP ADVERTE A COREIA DO NORTE E A CHINA	55
FIGURA 32 — TRUMP REAFIRMA A ALIANÇA COM A COREIA DO SUL	56
FIGURA 33 — TRUMP PEDE APOIO AO FINANCIAMENTO DO GOVERNO E DOS MILITARES CONTRA A COREIA DO NORTE	57
FIGURA 34 — TRUMP AMEAÇA KIM JONG-UN	58
FIGURA 35 — TRUMP COMEMORA O AVANÇO NAS NEGOCIAÇÕES COM A COREIA DO NORTE.....	59

FIGURA 36 — TRUMP DIVULGA A CARTA DE AGRADECIMENTO ESCRITA POR KIM JONG-UN	60
FIGURA 37 — TRUMP RELATA FASE NEGATIVA NAS RELAÇÕES COM A COREIA DO NORTE	61
FIGURA 38 — TRUMP ELOGIA A PARADA MILITAR EM COMEMORAÇÃO AOS 70 ANOS DA COREIA DO NORTE	62
FIGURA 39 — TRUMP ELOGIA A PARADA MILITAR EM COMEMORAÇÃO AOS 70 ANOS DA COREIA DO NORTE (PARTE 2)	62

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1.1. Metodologia	11
1.2. Contextualização da temática.....	11
2. TECNOLOGIA, MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	16
2.1. Incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação às Relações Internacionais	16
2.2. O fator tecnológico como fonte de poder nas R.I.	23
2.3. A mídia na dinâmica das relações internacionais.....	25
3. MÍDIAS SOCIAIS E POLÍTICA EXTERNA	26
3.1. Percepções teóricas sobre a relação entre mídias e política externa	26
3.2. O relatório Twiplomacy Study	29
3.3. Os Estados Unidos e a <i>digital diplomacy</i>	35
4. A ESCOLA DE COPENHAGUE	37
5. DONALD TRUMP E O TWITTER	40
5.1. Tweets sobre as questões migratória e religiosa	43
5.2. Tweets sobre a questão fronteiriça entre México e Estados Unidos	48
5.3. Tweets sobre a Coreia do Norte	54
6. CONCLUSÃO	63
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1. Metodologia

Com o intuito de explicitar o raciocínio científico e metodológico utilizado para a construção deste trabalho, é imprescindível que primeiramente pontuemos determinados elementos essenciais à pesquisa, tais como: objetivos, justificativa, problema de pesquisa e metodologia.

Dessa forma, propomos como nosso objetivo geral analisar o discurso proferido por Donald Trump através de seus tweets, tendo como base a teoria trazida pela Escola de Copenhague. Para aprofundar nossa pesquisa, elencamos dois objetivos de natureza específica, a saber: detectar tendências existentes na agenda de segurança do atual presidente dos Estados Unidos; e investigar possíveis processos de securitização.

Já a justificativa para o desenvolvimento desta monografia se encontra no intento de compreender o impacto que há entre os discursos do presidente Trump, via Twitter, e potenciais processos securitizantes. Assim, emergem dois problemas de pesquisa: qual a agenda securitária dos Estados Unidos, baseada nos tweets de Donald Trump? É possível perceber processos de securitização a partir desses tweets?

Finalmente, a fim de que a pesquisa fosse realizada, nossa metodologia se deu através de pesquisa bibliográfica a partir de artigos, livros, periódicos, relatórios, notícias e, claro, tweets. Dado o exposto, as seções precedentes tratarão sobre a discussão do trabalho em si.

1.2. Contextualização da temática

A partir da segunda metade do século XX entrava em vigor a Revolução Informacional (ou então Terceira Revolução Industrial). Como se pode inferir, o principal aspecto desse fenômeno era justamente a informação. Na década de 1950, os primeiros computadores eletrônicos foram desenvolvidos e, logo na década seguinte, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos celebrou contratos para que sistemas de pacotes de redes fossem criados. Assim, já nos anos de 1980, a pesquisa do cientista britânico Tim Berners-Lee resultou na *World Wide Web*. Desde então, a Internet passou a exercer uma função revolucionária nos mais diversos âmbitos da sociedade mundial e pode ser definida como “um sistema mundial de redes de computador – uma rede de redes na qual os usuários em um computador podem, se

tiverem permissão, conseguir informações de qualquer outro computador (e às vezes falar diretamente com usuários em outros computadores)”¹.

Quando foi criada, pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), tinha como objetivo a elaboração de uma rede que permitiria que os usuários de um “computador de pesquisa” de determinada universidade se comunicassem com outros computadores desse tipo, em outra universidade. Entretanto, é nítida a diferença que existe entre essa primeira concepção de Internet e a que há hoje em dia; tornou-se algo muito maior, de domínio público. Nesse sentido, essa rede cooperativa atinge todas as esferas setoriais possíveis, inclusive uma instituição política solidamente construída ao longo dos tempos: o Estado.

O sociólogo espanhol Manuel Castells é um dos autores que discorrem sobre a era digital. Sua pesquisa lhe rendeu, entre os anos de 1996 e 1998, a publicação de uma trilogia que discute o despontar de uma *global network society*. Segundo ele (2004, p. 2), “a network society is a society whose social structure is made of networks powered by microelectronics-based information and communication technologies.” Isso implica no fato de que, por conta do uso de máquinas portáteis que possuem comunicação sem fio, os indivíduos passam a ter a possibilidade de interagir entre si em qualquer lugar, a qualquer momento (2004, p. 7).

Partindo dessa noção, trazemos a discussão sobre as redes sociais, um dos aspectos mais relevantes da Revolução Informacional no século XXI e que será um dos pilares do nosso trabalho, e seu uso político. Desde o início de plataformas como Twitter (2006), Facebook (2004), dentre outros tipos de mídias sociais, personalidades políticas têm aumentado sua presença na Internet a fim de alcançarem apoiadores, manterem-se atualizadas, e firmarem posições diante de determinadas questões, por exemplo. Entretanto, foi no ano de 2016 que o Twitter se tornou um dos veículos de comunicação social protagonistas durante a campanha presidencial norte-americana.

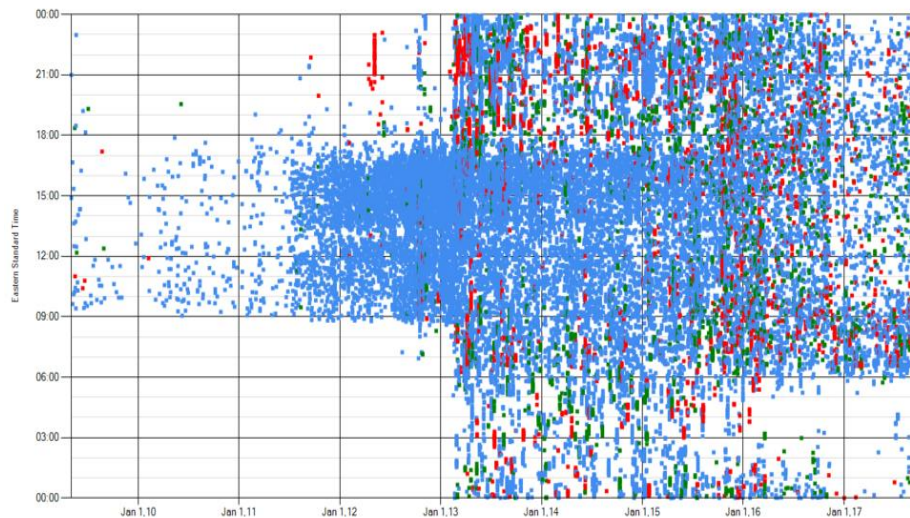
Nesse contexto, destaca-se o perfil do então candidato Donald Trump, que se aproveitou das redes sociais (principalmente do Twitter), utilizando-as como publicidade gratuita, da qual se beneficiou para responder rapidamente aos seus adversários e tweetar sua opinião sobre vários assuntos. Mesmo antes dos resultados eleitorais, já circulava pela internet que era necessário se encarar os fatos: Trump poderia se tornar presidente. Por quê? Porque, de acordo com a História (e com uma matéria veiculada pela CNN)², o político triunfante de cada

¹ **What is the Internet?** Disponível em: <http://searchwindevelopment.techtarget.com/definition/Internet>. Acesso em: 20 dez. 2017.

² CNN. **Trump: The social media president?** Disponível em: <http://edition.cnn.com/2015/10/26/opinions/jones-trump-social-media/index.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.

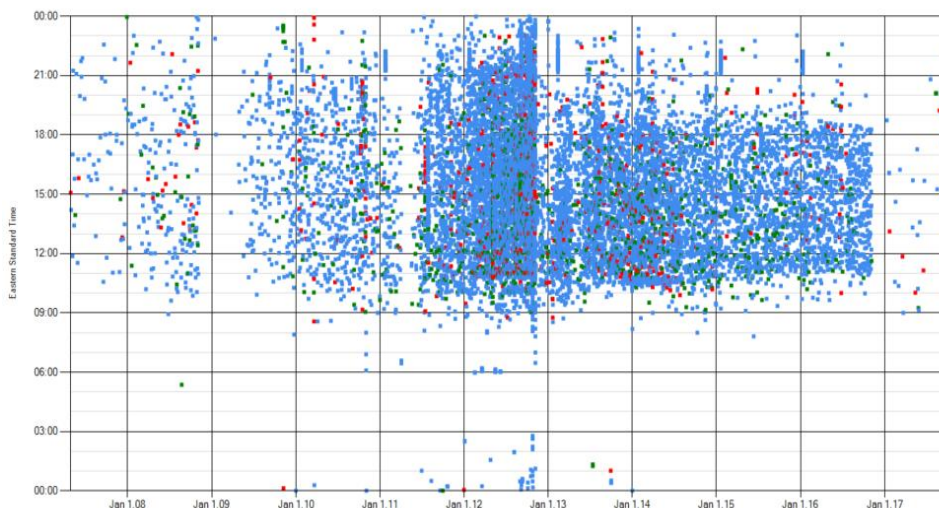
geração é aquela que domina por primeiro as ferramentas midiáticas de sua época. Por exemplo: Franklin Roosevelt foi o primeiro “presidente da rádio”; John Kennedy foi o primeiro “presidente da televisão”; e Barack Obama emergiu como o primeiro “presidente da Internet”. Sendo assim, Trump poderia ser o primeiro “presidente das mídias sociais”. Para se ter uma ideia de como as redes sociais são importantes para Trump, foram feitos gráficos comparativos para mostrar o nível de atividade no Twitter entre ele e Obama.

Figura 1— Atividade do Twitter de Donald Trump desde seu primeiro tweet em maio de 2009 até setembro de 2017



Fonte: Wikimedia Commons.³

Figura 2 — Atividade do Twitter de Barack Obama desde seu primeiro tweet em abril de 2007 até setembro de 2017



Fonte: Wikimedia Commons.⁴

³ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Twitter_activity_of_Donald_Trump.png. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁴ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Twitter_activity_of_Barack_Obama.png. Acesso em: 20 dez. 2017.

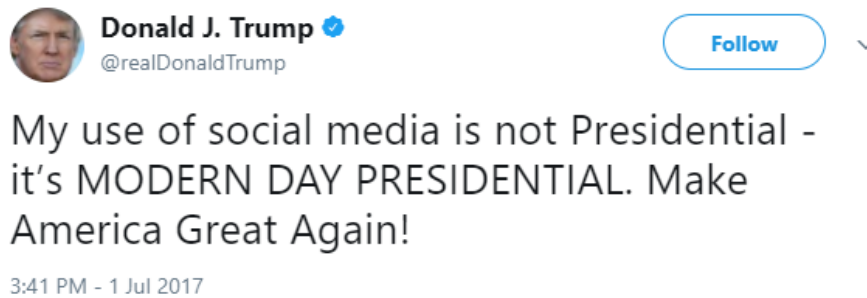
Os gráficos acima mostram que Trump publicava em média 11 tweets por dia. Em 2009, era pouco ativo no Twitter, mas podemos perceber que a partir de janeiro de 2012 esse padrão muda. O então empresário tweetava, na maioria das vezes, entre as 9 horas da manhã e as 6 horas da tarde, até 2013. A partir de então, a atividade de Donald Trump na plataforma se intensificou ainda mais, e foram registradas publicações em todos os horários contemplados pelo gráfico, mesmo aos finais de semana (representados pelos pontos de cor vermelha, indicando quando houve tweet no dia de domingo, e de cor verde, quando houve tweet aos sábados). Visualizamos uma queda na frequência de tweets a partir da metade de 2016, que se estende até o final do mapeamento proposto pelo gráfico, na qual constatamos um intervalo nas publicações entre as 3 horas da manhã e as 6 horas da manhã. De qualquer forma, ainda consideramos e concluímos a existência de uma “postura proativa” por parte de Donald Trump no Twitter.

Por outro lado, o segundo gráfico mostra que Barack Obama tweetava apenas 4 vezes por dia. Constatamos uma maior quantidade de tweets a partir de 2012, concentrados nos horários entre as 9 horas da manhã até as 9 horas da noite e, no fim desse ano, até a meia noite, com alguns poucos casos de publicações feitas após esse horário. Em 2013, ocorreu um declínio na quantidade dos tweets de Obama, mas a regularidade com que se manifestava na rede social ainda foi maior do que a constatada antes de 2012, período de maior atividade, como sabemos. Ao final do gráfico, que configura o ano de 2017, quando deixou de ser presidente dos Estados Unidos, foi onde registrou-se a menor atividade de Obama na plataforma social.

Por conta do que foi exposto pelos gráficos, muitos consideram que Trump faz um uso demasiado da rede social, e jornalistas já chegaram até a se perguntar se essa alta atividade poderia ser uma ameaça à segurança nacional, já que, de acordo com especialistas em inteligência e defesa, a utilização do Twitter feita pelo presidente norte-americano pode já estar sendo usada por agências estrangeiras para analisar a sua personalidade, rastrear seus hábitos e detectar pistas sobre o que esperar de seu governo.⁵ Contudo, Trump afirma que o uso que faz das mídias sociais não é somente presidencial; segundo ele, é “presidencial dos tempos modernos”, o que pode servir como indicativo de que, mesmo sendo criticado por conta disso, não pretende deixar o Twitter.

⁵ POLITICO. **Is Trump's Twitter account a national security threat?**. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2016/12/trump-twitter-national-security-232518>. Acesso em: 20 dez. 2017.

Figura 3 — Trump caracteriza o seu uso do Twitter



Fonte: Twitter.⁶

Tendo isso em vista, há possibilidade de que surjam indagações quanto à legitimidade do que é publicado no perfil pessoal de Donald Trump (@realDonaldTrump). De acordo com uma matéria publicada em dezembro de 2016 pelo jornal Independent⁷, um diplomata entrevistado (que não foi identificado) afirmou que nunca havia hesitado em aceitar o que era dito, em termos de política, por um Presidente dos Estados Unidos, fosse em forma de discursos ou de coletivas de imprensa, mas que não sabia se poderia tomar tweets da mesma forma.

Em relação a essa situação, o ex secretário de imprensa do governo Trump, Sean Spicer, alegou em junho de 2017 que “o Presidente é o Presidente dos Estados Unidos [sic], então eles [os tweets] são considerados como declarações oficiais feitas pelo Presidente dos Estados Unidos.”⁸. Outro ex secretário, nesse caso o de Estado, Rex Tillerson, revelou que imprimia os tweets publicados pelo presidente norte-americano para que então pudesse levá-los em conta quando fosse tomar decisões, e saiu em defesa de Trump ao afirmar que imprimir os tweets não é um mau sistema.⁹ Além disso, a embaixadora dos Estados Unidos na Organização das Nações Unidas (ONU), Nikki Haley, deu a entender que a política externa

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/881281755017355264>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁷ Independent. **Are Donald Trump's tweets official foreign policy? US State Department officials ponder.** Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/donald-trump-tweets-twitter-foreign-policy-one-china-taiwan-us-state-department-a7479906.html>. Acesso em: 21 dez. 2017.

⁸ CNN Politics. **White House: Trump's tweets are 'official statements'.** Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/06/06/politics/trump-tweets-official-statements/index.html>. Acesso em: 21. dez. 2017.

⁹ Daily Intelligencer. **How U.S. Foreign Policy Is Being Shaped by Trump's Tweets.** Disponível em: <http://nymag.com/daily/intelligencer/2018/01/how-u-s-foreign-policy-is-being-shaped-by-trumps-tweets.html>. Acesso em: 22 dez. 2017.

feita por Trump via Twitter era uma coisa boa ao afirmar que a imprevisibilidade do presidente garantia que diplomatas estrangeiros fossem muito mais cuidadosos ao lidar com os EUA.¹⁰

A fim de desenvolvermos a discussão, dividimos o trabalho em quatro capítulos: no primeiro, a seguir, será apresentado o processo de incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação ao campo das Relações Internacionais, buscando aprofundar o estudo da relação existente entre essas áreas; no segundo capítulo, abordaremos uma questão mais específica, sobre mídia e política externa; no terceiro capítulo, traremos a teoria da Escola de Copenhague, juntamente à justificativa para a relação desse referencial teórico com os posts de Donald Trump no Twitter; nosso texto traz, em seu último capítulo, assuntos que ocupam lugares prioritários na agenda de segurança do governo Trump e que foram usados para a detecção de possíveis processos de securitização: migração, religião, fronteira, e não-proliferação nuclear.

2. TECNOLOGIA, MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2.1. Incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação às Relações Internacionais

Neste capítulo, discutiremos como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) foram incorporadas ao debate das Relações Internacionais (R.I.). Contudo, essa área de estudos ainda é pouco abordada na literatura de Relações Internacionais, e nos trabalhos já realizados, por vezes não há um consenso entre autores quanto à datação do início da influência das TIC sobre as R.I.

Para Valente (2007), os últimos cento e cinquenta anos trouxeram alterações sem precedentes para a humanidade no campo das comunicações, com a criação do telefone e dos meios de transporte, por exemplo. Já para Frazão (2014), foram os últimos trinta anos que se mostraram cruciais no que diz respeito às mudanças nas formas utilizadas pelos seres humanos para se relacionarem. Segundo ele, essas mudanças possuem como pano de fundo o fim da Guerra Fria, bem como as suas consequências para as Relações Internacionais (a exemplo do processo de globalização e do surgimento da Internet).

Além disso, é importante ressaltar que existem registros de criações consideradas tecnológicas (e essenciais para as Relações Internacionais) que foram desenvolvidas em um

¹⁰ ABC News. 'This Week' Transcript 1-7-18: Nikki Haley, Sen. Tom Cotton and Sen Bernie Sanders. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/week-transcript-18-nikki-haley-sen-tom-cotton/story?id=52178614>. Acesso em: 22 dez. 2017.

contexto anterior ao da Guerra Fria, como a de Alan Turing. Ele trabalhou para a inteligência britânica, durante a Segunda Guerra Mundial, em um centro especializado em quebra de códigos, o que, pouco tempo depois, propiciou-o a criar várias técnicas que seriam capazes de quebrar os códigos alemães. Todavia, algo mais importante feito por Turing ainda estava por vir: posteriormente à guerra, este matemático trabalhou no Laboratório Nacional de Física do Reino Unido, e foi nesse lugar que ele pôde criar projetos que teriam como resultado o primeiro computador projetado no Reino Unido.

Não obstante, para fins de delimitação do tema, o contexto histórico deste trabalho será dado a partir da segunda metade do século XX, com o advento da Revolução Informacional (ou Terceira Revolução Industrial), tendo ciência de que ambas revoluções, informacional e da comunicação, mudaram fundamental e irreversivelmente o significado de poder nas relações internacionais, a formulação de políticas de defesa e relações exteriores, e a condução da diplomacia (GILBOA, 2002, p. 1). Sobre esse fenômeno, Joseph Nye (2009) afirma que

A característica fundamental da revolução da informação não é a *velocidade* das comunicações entre os ricos e poderosos: há mais de cento e trinta anos, a comunicação praticamente instantânea já era possível entre a Europa e a América do Norte. A mudança decisiva é a enorme redução do *custo* de transmissão das informações (p. 278).

Em “*The Question of Information Technology in International Relations*” (2003), James Der Derian concorda com Nye no sentido de que o declínio nos custos de operação configure um aspecto importante nesse contexto. Porém, Der Derian acrescenta em sua perspectiva que a peculiaridade da Era Digital se dá mais por sua intensidade espaço-temporal, e não por sua extensão. Portanto, para o autor, o importante nessas circunstâncias seria atentar para a “capacidade de intensificar efeitos globais através de um colapso de tempo e distância” (p. 2), já que a expansão mundial das tecnologias em rede viabiliza um ritmo acelerado de transformações nos campos cultural, político, econômico e militar.

Em sua análise, Der Derian tira três conclusões. Em primeiro lugar, a de que as tecnologias da informação (T.I.) estão produzindo novas redes de poder nas relações internacionais. É a partir desse entendimento que o autor cria o conceito de matrix global heteropolar¹¹, na qual diversos atores podem causar profundos efeitos de caráter global através da interconectividade. Em segundo lugar, o autor afirma que, se a sociedade quiser desafiar e entender o papel representado pelas T.I. nas relações internacionais, deve utilizar de conhecimento em rede, mediante uso de novos modos de compreensão e instrução — que,

¹¹ *Global heteropolar matrix*, originalmente em inglês.

segundo Der Derian, o domínio das ciências sociais ainda não foi rápido o suficiente para deprender, tendo em vista que as T.I. apresentam natureza virtual e o andamento acelerado. Por fim, o autor assume que a transformação informacional das relações internacionais requer novas abordagens conceituais, a fim de que haja uma espécie de epistemologia para que sejam identificados os perigos e as oportunidades apresentadas pelas tecnologias da informação.

No tocante à renovação conceitual, Der Derian traz dois elementos importantes: o de *infowar* e o de *infopeace*. A “*information warfare*” deve ser entendida como um conceito “guarda-chuva”, pois abarca tantos outros como *cyberwar*, *hackerwar*, *netwar* e *virtual war*. Assim, a *infowar* pode ser definida como

um complemento à guerra convencional, na qual o comando e o controle do campo de batalha é aumentado por computadores, comunicações, e inteligência. Com o desenvolvimento de mídias múltiplas e de massa, a *infowar* ganhou novas formas e maior significância. (DER DERIAN, 2003, p. 13, tradução nossa).

Em contraste à *inforwar*, há a *infopeace*; ou seja,

a produção, aplicação, e análise de informação através de meios pacíficos para fins pacíficos. [...] A *infopeace* busca prevenir, mediar, e resolver situações de guerra pela atualização de um estado consciente de paz. Postulando a eventual abolição da violência como uma opção política global, a mentalidade pacífica vai da prevenção, admoestação e mediação da violência, à negação total da mesma para resolver problemas na arena internacional. (DER DERIAN, 2003, p. 13, tradução nossa).

Percebemos como incontestável a importância de tais conceitos para a área de Relações Internacionais, visto que “guerra” e “paz”, de maneira conceitual, exprimem duas grandes facetas da epistemologia internacionalista, e claramente não foram alijadas dos efeitos trazidos pelo advento da revolução tecnológica.

Der Derian frisa que a *infopeace* não exclui a ótica do conflito. Em sua natureza pacífica, essa perspectiva traz consigo uma estratégia que reconhece e integra a diferença, o conflito e o antagonismo como aspectos essenciais das relações humanas e, mesmo assim, visa desenvolver uma consciência de como esses mesmos aspectos podem ser discutidos e resolvidos por meios não violentos.

De acordo com Malik (2012) mudanças fundamentais na política global ocorreram rapidamente graças a três fatores: guerras, alterações econômicas, e desenvolvimentos tecnológicos. As armas nucleares, inclusive, tiveram um papel crucial para as R.I.: tendo em vista que esse armamento empregava uma tecnologia que poderia tornar as guerras mais destrutivas, foi essa mesma tecnologia que tornou o conflito armado um meio instável de se

conduzir as relações de poder, o que funcionou como um catalisador da cooperação entre os Estados.

Mas, para o estudo da ligação existente entre as Relações Internacionais e o meio tecnológico, existem dois trabalhos muito importantes e que se complementam: “*Cyberpolitik: The Changing Nature of Power*”, de autoria de David J. Rothkopf, publicado em 1998; e o de Charles Weiss, intitulado “*Science, technology and international relations*”, datado de 2005. Para Rothkopf, os três pilares essenciais das relações internacionais (poder econômico, poder militar e poder político) foram “sacudidos” pelas transformações trazidas pelo advento da Revolução Informacional. Além do mais, o termo *Realpolitik*, amplamente utilizado nas Relações Internacionais, ganharia uma nova caracterização. Segundo o autor,

The realpolitik of the new era is cyberpolitik, in which the actors are no longer just states, and raw power can be countered or fortified by information power. The mighty will continue to prevail, but the sources, instruments and measures of that might are dramatically changed. (ROTHKOPF, 1998, p. 3).

Essas mudanças se apresentariam nas relações internacionais na forma de oito fenômenos, que dialogam entre si (ibid, p. 11).

1. Interconexão: indivíduos, instituições e comunidades passam a estar ligados uns aos outros através de redes de computadores, satélites e infraestruturas públicas e privadas de telecomunicações.
2. Desagregação/Descentralização: bancos centrais têm perdido o controle dos mercados e grandes centros monetários são vistos como grandes players por aqueles que possuem capital e estão conectados ao sistema global.
3. Desintermediação: a partir da criação de mercados eletrônicos, foram destruídos os monopólios de clubes que conduziam negociações ou que serviam como ponto de encontro para discussões. O autor cita como exemplo a National Association of Securities Dealers Automated Quotations (NASDAQ), o mercado norte-americano automatizado de ações. Hoje, essa associação não “está” em um lugar como Nova Iorque, Londres ou Tóquio: ela é um sistema computacional que interliga os *market makers*.
4. Deslocamento: a condução de negócios no cyberspaço faz com que haja uma desconexão entre as transações feitas, não sendo necessária uma localização física, o que pode representar uma das consequências mais profundas para os Estados, já que estes possuem sua existência intrinsecamente ligada a um caráter geográfico, espacial.

5. Aceleração: é a consequência da redução de tudo à sua forma digital, tornando as trocas instantâneas.
6. Amplificação: quando combinada à aceleração, causa um mundo de profunda volatilidade. Como exemplo, podemos citar temas que acabam ganhando uma grande repercussão, por conta de imprensa e da própria opinião pública.
7. Virtualidade: trata-se da criação de uma realidade digital, análoga ao mundo real. A comunidade financeira é o melhor exemplo disso.
8. Assimetria: é definida por Rothkopf como um subproduto da Revolução Informacional que permite que players menores possam competir como os maiores competiram ou competem.

Para o que este trabalho propõe, é interessante destacar alguns dos pontos acima. O primeiro deles, que versa sobre “interconexão”, é muito central, porque traz exatamente o aspecto mais importante e interessante das redes sociais, que aqui são o principal objeto de estudo; citamos também o ponto que trata sobre “aceleração”, que é uma característica à qual o campo da política pode ser muito sensível, já que a partir disso torna-se necessária uma ação rápida de resposta, praticamente instantânea, que deve ser, contudo, inteligente e prudente; juntamente à “aceleração”, a “amplificação” também produz efeitos que podem recair sobre a política internacional: neste trabalho ela é tida como um dos cerne, visto que o processo de securitização, que será trabalhado no último capítulo, vale-se muito da repercussão de determinado assunto, transformando-o em *issue*; por último, destacamos a “virtualidade”, com a qual podemos relacionar com a realidade que a política vive hoje em dia: praticamente todos os líderes mundiais possuem perfil em pelo menos uma rede social, e as trocas entre eles por esses tipos de plataforma têm se tornado cada vez mais comuns.

Já na perspectiva de Charles Weiss (2005), os efeitos mútuos entre essas três áreas – ciência, tecnologia e relações internacionais – são tão importantes que fazem (ou deveriam fazer) jus ao reconhecimento de subdisciplina independente. A importância atribuída a esses três elementos é tão grande que Weiss admite que nem mesmo a globalização seria possível sem as revoluções tecnológicas e comunicacionais, e o crescimento de países como o Japão só pode ser explicado graças a habilidade japonesa para administrar os recursos tecnológicos. Quando analisa essa relação de mutualidade existente, o autor conclui que a tecnologia afeta as relações internacionais de quatro maneiras (2005, p. 5).

1. As inovações tecnológicas permitem que as pessoas façam novas coisas, e um exemplo disso pode ser dado a partir da mudança na natureza da geopolítica que foi trazida pelo desenvolvimento das armas nucleares e dos mísseis balísticos intercontinentais.
2. As relações internacionais podem ser afetadas pela difusão de uma determinada tecnologia. Exemplos: *offshoring*¹² de manufaturados e serviços industriais; proliferação de armas de destruição em massa.
3. As relações internacionais são afetadas diretamente pela competição por tecnologia existente entre os Estados, a exemplo das corridas espaciais e armamentistas.
4. As relações internacionais são afetadas pelo desenvolvimento da capacidade de administrar as tecnologias e realizar inovações nesse campo, seja em uma empresa, em uma região, ou em uma nação. Assim, essa capacidade inovadora deve ser vista como um fator determinante tanto de poder econômico quanto de poder político.

Todos os itens elencados acima podem ser vistos como de grande importância para o estudo desenvolvido neste trabalho. Sendo assim, os elementos trazidos pelo autor em 2005 vêm para corroborar e sintetizar o que já havia sido dito por Rothkopf em 1998 ao apresentar as oito mudanças que a era da Cyberpolitik trouxe às relações internacionais.

Weiss (2005, p. 6) aprofunda ainda mais seu estudo e afirma que existe uma classificação diferente entre os *impactos* da ciência e da tecnologia e os *efeitos* da ciência e da tecnologia. Os efeitos atuam em quatro aspectos do sistema internacional.

1. Processos operacionais: aqui cabem processos executados de maneira predominante pelos governos (como diplomacia, guerra e administração) e processos realizados de maneira predominante pelo setor privado (como comércio, comunicações, e competição econômica). Nesse aspecto, Weiss ressalta que os avanços feitos em armamentos, nas comunicações, e na própria tecnologia da informação foram capazes de aumentar exponencialmente a velocidade, a escala, a eficiência, e o escopo geográfico de cada um dos processos. Dessa forma, “forçaram” agentes estatais como diplomatas a responder rapidamente aos eventos, se quisessem perceber como determinada *issue* é percebida pelo público.
2. Essência: criam-se novas *issue areas* (como mudanças climáticas); criam-se novas restrições e *trade-offs* no ambiente operacional da política externa (a incapacidade de agir diante de *issues* postas na agenda internacional através de novos entendimentos

¹² “*Offshoring* designa a deslocação da produção de uma região para outra com o objetivo de reduzir os custos de produção.” Disponível em: <https://www.portal-gestao.com/artigos/7587-o-que-%C3%A9-o-offshoring.html>. Acesso em: 15 jun 2018.

científicos pode acarretar em custos de curto ou longo prazo, impostos pela natureza. Um exemplo citado por Weiss, considerado extremo pelo mesmo, é o seguinte: se a ineficiência em controlar a emissão de gases do efeito estufa se prolongar muito, é possível que os resultados sejam dados pela inundação da Flórida e de outras áreas costeiras); criam-se *issues* nas quais assuntos domésticos e internacionais se transpassam (a exemplo da guerra contra o terrorismo, política energética, e controle de poluição em regiões de fronteira); e, finalmente, altera-se o escopo e o domínio de paradigmas diferentes em teoria de relações internacionais (os vários avanços vivenciados por conta da ciência deram mais espaço para paradigmas não-realistas de relações internacionais, mais notadamente a interdependência, o funcionalismo, e o construtivismo).

3. Arquitetura: muda-se, no sistema internacional, a estrutura (alteração no padrão distributivo de poder entre os Estados; alteração na balança de poder entre os Estados, por um lado, e, por outro, entre as redes de comunicação, as organizações internacionais, as empresas privadas, as ONGs, os indivíduos, e outros atores não estatais), os conceitos-chave (mudança nas noções de segurança, no significado de soberania e de poder; diminuição do escopo da anarquia internacional) e as relações entre os Estados e demais atores (reordenamento de hierarquias no que diz respeito aos poderes militar e econômico; redefinição das relações econômicas internacionais; criação ou resolução de problemas internacionais; criação de novos recursos, novas coalizões, novas ferramentas para a cooperação internacional e novas áreas para a própria cooperação e para competição; influência de processos cooperativos profissionais e comunicativos entre cientistas baseados em países diferentes).
4. Informação, ideias e percepções: comunicações de massa, por exemplo, mudaram percepções sobre relações de poder, identidades, interesses... Especialmente em países desenvolvidos, a mídia foi capaz de estimular o desejo popular por processos de modernização, o que obrigou governos a perceberem a informação como assunto de interesse nacional. Consequentemente, os Estados se valem de um contexto complexo apresentado pela chamada Sociedade da Informação, bem como de seus novos recursos, para enriquecer o instrumental disponível para a construção de política externa, a fim de expandir suas possibilidades de êxito no sistema internacional.

Novamente, há uma ampla influência de cada um desses aspectos sobre o fenômeno representado pelas mídias sociais, mas em especial o de “processos operacionais”, de “essência”

e de “informação, ideias e percepções”. Isto porque, primeiramente, há uma dinâmica completamente nova no que diz respeito a *policy making*, a partir do momento em que as mídias sociais passam a servir como um instrumento que serve a esses interesses. A velocidade com que as coisas ocorrem, e a amplificação de determinados eventos, ambas propiciadas pelas plataformas sociais, exigem exatamente uma postura de (re)ação rápida, não somente de diplomatas, como dito por Weiss, mas de chefes de estado em geral. Já a mudança na “essência” manifesta a adequação e modificação das agendas internacionais às mudanças no mundo, tendo a emergência de novas *issue areas* como uma de suas particularidades; inclusive, a guerra contra o terrorismo, citada por Weiss, é um dos exemplos que surgem nesse contexto, e que será discutida mais adiante, quando abordarmos aspectos de política externa do governo do presidente norte-americano Donald Trump. Finalmente, quando se fala de “informação, ideias e percepções”, podemos ter uma clara perspectiva de como comunicações em massa (aqui, atentando para as redes sociais) vêm moldando os entendimentos que temos sobre diversos processos; os Estados se percebem diante desse cenário e então enxergam o aparato oferecido pelas novas ferramentas tecnológicas como um recurso que pode auxiliar na consecução de seus objetivos.

A partir dessas percepções, podemos enxergar o papel chave representado pela tecnologia no atual e complexo contexto trazido pelo advento da Revolução Informacional. É diante disso que, no tópico a seguir, discutiremos sobre a figura da tecnologia quando caracterizada como fonte de poder dentro do campo das relações internacionais.

2.2. O fator tecnológico como fonte de poder nas R.I.

Diante de tantos cenários e de tamanha influência que as relações internacionais podem sofrer das tecnologias, há de se indagar sobre o poder do Estado. A realidade é clara: a política mundial não é mais um território restrito aos governos. Porém, ao contrário do que se pode pensar, “o Estado não perdeu poder por conta das transformações na comunicação, não deixou de se basear no econômico, no político e no militar para a conquista do poder. Mas redimensionou e modificou sua atuação para o alcance deste objetivo” (VALENTE, 2007, p. 21).

Nesse sentido, ao alterar a balança de poder entre atores estatais e não-estatais, a Revolução Informacional também tem mudado a balança entre os maiores poderes militares, por exemplo. Os estrategistas militares, especificamente, enxergam a superioridade tecnológica como algo fundamental para assegurar a um país que este está à frente de inimigos e

competidores (MALIK, 2012, p. 25). Para Rothkopf (1998), os assuntos militares estão entre os segmentos da sociedade mais interessados e responsáveis pela inovação tecnológica. Para que seu argumento seja comprovado, ele cita a postura das forças armadas norte-americanas: após a Guerra do Vietnã, os Estados Unidos assumiram um compromisso, maior do que nunca, de procurar meios que garantissem o seu domínio sobre qualquer conflito que se propusessem a entrar. A Revolução em Assuntos Militares (RMA, na sigla em inglês) é um reflexo dessa preocupação.

Prosseguindo, como se sabe, os avanços tecnológicos têm grande parcela de atuação nesse processo de redimensionamento do Estado, já que foram eles que diminuiriam distâncias e dispensaram a necessidade de presença física, além de elevar a velocidade com que indagações e respostas alcançam seus respectivos destinatários. Toda essa conjuntura encontra amparo teórico na Interdependência Complexa, de Robert Keohane e Joseph Nye, desenvolvida a partir da obra “Poder e Interdependência”, de 1977.

Conceitualmente, “interdependência, em política mundial, refere-se a situações caracterizadas por efeitos recíprocos entre os países ou entre atores em diferentes países” (KEOHANE; NYE, 2001, p. 7, tradução nossa). Contudo, a interdependência possui a assimetria como uma de suas características, e é por isso que, para Held (2005 apud ROCHA 2016, p. 12) esse processo pode ter consequências perigosas, a partir da perspectiva de que é improvável que os recursos tecnológicos estejam disponíveis, em sua plena capacidade, no mundo todo.

Assim, vemos como nítida a relação que existe entre o lugar que determinado país ocupa na hierarquia global e suas capacidades no campo da Ciência e Tecnologia (C&T): nações tecnologicamente avançadas podem ditar as regras e os padrões de comportamento na política internacional (MALIK, 2012, p. 24-25). Ou seja, os maiores beneficiados seriam os países detentores desse tipo de expertise. Além do mais, o aspecto diferencial do poder na Era Informacional estaria justamente na capacidade do Estado em obter e também difundir informação:

A capacidade de obter informação representa um ganho de tempo e de recursos. Possibilita o trabalho preventivo, a montagem de esquemas defensivos e de ataques, antes que o perigo previsto se torne real. Já a disseminação significa um maior poder de influência sobre outros Estados e outros agentes, e portanto, mais chances de êxito na execução de objetivos. (VALENTE, 2007, p. 38-39).

Dessa forma, em suma, a tecnologia se apresenta como uma nova fonte de poder nas relações internacionais, profundamente estratégica e que, portanto, deve ser percebida de maneira prioritária na condução das atividades políticas.

2.3. A mídia na dinâmica das relações internacionais

Na seara apresentada pela *Cyberpolitik*, área central para o nosso estudo, há dois grandes marcos comunicacionais, segundo Valente (2007). A partir desse ponto do trabalho, surgirá um aspecto tecnológico específico: a mídia. Primeiramente, a emergência da televisão a nível global, por conta da tecnologia de transmissão via satélite, propiciou às emissoras de TV a possibilidade de serem transmitidas para vários outros países, a exemplo da CNN — os Estados Unidos, inclusive, foram os primeiros a desfrutar dos benefícios trazidos por essa expansão —. Já o segundo marco se deu a partir do desenvolvimento da própria Internet, seguido de tecnologias de transmissão instantânea de dados e imagens. E, mesmo que de maneira assimétrica, as transformações trazidas pela Era da Informação alcançaram todos os Estados; todavia, pode-se afirmar que

[...] as modificações mais acentuadas ocorreram nos Estados com regimes democráticos, principalmente nos mais desenvolvidos, por serem estes os que desenvolveram sociedades mais abertas às novas tecnologias e os que possuem populações cada vez mais informadas pelos meios de comunicação. (VALENTE, 2007, p. 26).

Não obstante, Valente (2007) afirma que nem mesmo os regimes ditatoriais conseguiram escapar das novidades da Era da Informação. A partir disso, é oportuno destacar a relação entre democracia (ou a falta dela), tecnologia e mídia; nessa conjuntura, cabe como exemplo a Primavera Árabe, que eclodiu em 2011. Essa onda de revoluções que atingiu a região norte da África e o Oriente Médio foi capaz de fomentar uma ação global, composta por agentes não-estatais. Uma observação a se fazer sobre esses agentes é que os mesmos utilizaram as mídias sociais como plataforma de difusão de suas campanhas, o que os permitiu driblarem o esquema de censura que havia sido estabelecido em seus países. A observação feita acima torna-se imperativa, já que, de agora em diante, nosso trabalho trará para seu foco a ferramenta representada pelas mídias sociais nas relações internacionais.

Assim, eventos como a Primavera Árabe podem ser caracterizados a partir dos aspectos da *ciberdemocracia* e do *ciberativismo*. Nessa perspectiva, devemos atentar para o fato de que a tecnologia não é tão somente caracterizada como uma nova fonte de poder nas relações internacionais, como dito antes: a tecnologia, através da mídia e da informação, se

configura também como um “pilar fluido de poder” (VALENTE, 2007, p. 33). Ou seja, não se trata de um dos pilares clássicos do poder (econômico, militar e político), mas não deve ser tratado como aspecto periférico nas relações de poderio. Toda essa fluidez fez com que o Estado, mesmo em se tratando de uma ditadura, nesse caso, sucumbisse diante do uso das mídias sociais feito pelos seus próprios cidadãos. E, apesar da incerteza sobre futuros efeitos de tamanha conectividade, um dos efeitos de natureza política, causados pela informação livre feita por múltiplos canais, já está bem claro: “os estados perderam grande parte de seu controle das informações sobre suas próprias sociedades.” (NYE, 2009, p. 286).

Com base no que foi dito, o exemplo da Primavera Árabe faz com que percebamos a necessidade de redimensionamento das ações do Estado no cenário internacional (e também nacional), a partir do momento em que a tecnologia se encontra ao alcance de todos os agentes (mesmo que de maneira assimétrica).

Em suma, esta primeira parte do trabalho se dedicou a investigar o processo de inserção das TIC à área das Relações Internacionais num sentido mais amplo, de forma introdutória, apenas citando de maneira pontual o papel das mídias sociais. Sendo assim, poderemos, a partir do próximo capítulo, apresentar e dissertar particularmente sobre a tecnologia representada por essas plataformas, de modo que possamos falar sobre o que nos interessa mais especificamente: a relação existente entre mídias sociais e o campo da política externa.

3. MÍDIAS SOCIAIS E POLÍTICA EXTERNA

3.1. Percepções teóricas sobre a relação entre mídias e política externa

A partir do que foi exposto no capítulo anterior, podemos apontar a influência que a tecnologia informacional e sobretudo as mídias exercem sobre o comportamento dos Estados, tanto interna quanto externamente. Contudo, é necessário que também seja percebido o outro lado do fenômeno de uso das tecnologias, qual seja o uso das mídias pelos Estados como ferramenta que pode auxiliar na consecução de objetivos no campo da política externa. É por isso que se afirma que

As modificações do jogo do poder obrigaram os Estados a se adaptarem, para tirarem o máximo de proveito estratégico dessa realidade. Se ao mesmo tempo adaptar-se é uma necessidade, ir além, transformando os recursos dessa adaptação em instrumentos que tornem ainda mais efetivos seus objetivos externos, é, sem dúvida, uma grande oportunidade. (VALENTE, 2007, p. 42).

Especificamente no caso das mídias sociais, é essencial notar que elas trazem uma mudança fundamental para o panorama tecnológico, além de alterar as estruturas que guiam aspectos de comunicação política tradicional. A partir dessas plataformas, há um “ambiente alternativo” no qual líderes, políticos e cidadãos têm a capacidade de se engajar em causas e se relacionarem uns com os outros, sendo esta capacidade multidimensional e expressivamente única em toda a história dos sistemas políticos. Além disso, as mídias sociais permitem que haja uma interação que independe de elementos geográficos, e a rapidez com que seus efeitos podem ser sentidos faz com que seja necessária uma maior eficiência na comunicação política, o que conduz à criação de novos cálculos na arena política (GAINOUS; WAGNER, 2013).

Neste capítulo, enfocamos na relação entre mídias sociais e política externa e por isso buscamos discutir os ingredientes fundamentais desse tipo de política, que consistem em dois elementos: “objetivos nacionais a serem alcançados e os meios para alcançá-los” (CRAB, 1972 apud ADESINA, 2017, p. 1). E um dos fatores de política externa mais efetivos é a diplomacia, que também foi afetada pela revolução nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

A partir desse contexto, um dos conceitos emergentes é o de *digital diplomacy*, que possui variadas definições, mas que pode ser compreendido, principalmente, como referente ao aumento do uso de plataformas de redes sociais feito por um determinado país, a fim de que seus objetivos de política externa sejam alcançados, com o intuito de administrar sua imagem e reputação de maneira proativa (MANOR; SEGEV, 2015 apud ADESINA, 2017, p. 3). Dessa forma, podemos inferir que o uso de redes sociais por líderes mundiais, em especial o Twitter, vislumbra o ato de falar diretamente com o público que querem influenciar. Hoje em dia, admite-se o potencial que essa rede social tem, mas é interessante notar que, de acordo com Gainous e Wagner (2013), seu uso para fins políticos só teve início durante as eleições de 2010, e ainda assim era um uso limitado, no qual as publicações se davam em forma de links que redirecionavam para páginas que continham comunicados de imprensa ou resumos de atividades e deveres de um legislador do Congresso norte-americano.

Algo de extrema importância para este estudo é trazido por Hanson (2012 apud ADESINA, 2017, p. 3), ao afirmar que existem oito objetivos políticos para a era da diplomacia digital.

1. Administração de conhecimento, para que este fator seja bem aproveitado no intuito de que seja retido, compartilhado, e tenha um uso otimizado na busca de interesses nacionais no mundo todo.

2. Diplomacia pública, para que seja mantido um contato com o público à medida em que ele migra para plataformas online, e para se beneficiar de novas ferramentas comunicacionais a fim de que se tenha ciência das demandas desse público.
3. Administração de informação, para ajudar em um melhor uso do fluxo de informações, a fim de que isso sirva como auxílio no processo de *policy making* e ajude a antever e responder a movimentos políticos e sociais emergentes.
4. Comunicação e resposta consular, para criar canais diretos e pessoais com os cidadãos que estejam viajando ao exterior, mantendo comunicações manejáveis em situações de crise.
5. Resposta a desastres, a fim de que seja aproveitado o poder das tecnologias conectivas nessas circunstâncias.
6. Liberdade de Internet, a partir da criação de tecnologias que mantenham a rede livre e aberta.
7. Recursos externos, valendo-se da criação de mecanismos que possam aproveitar determinada expertise externa para que sejam alcançados objetivos nacionais.
8. Planejamento político, que permita uma supervisão efetiva, com coordenação e planejamento de políticas internacionais entre os governos, em resposta à internacionalização da burocracia.

Alguns desses tópicos possuem relação direta com o nosso trabalho, e por isso devem ser pontuados. A “administração do conhecimento” relaciona-se com a nossa investigação no sentido de que é necessário que se tenha cautela sobre o que pode/deve ser ou não publicizado por determinado líder mundial em suas respectivas redes sociais, a fim de que haja uma utilização aprimorada dessas plataformas, que possa auxiliar na consecução de interesses no ambiente externo, de maneira semelhante ao que é trazido pelo terceiro ponto, que trata de “administração de informação”. Outro aspecto que merece bastante atenção é o da “diplomacia pública”, por ser exatamente a temática proposta à discussão em nosso trabalho.

Contudo, um objetivo de política externa feita através das mídias sociais que não é pontuado por Hanson, mas que não deixa de ser importante, é o de liderança: se um(a) líder for verdadeiramente seletivo(a) sobre o que posta, ele ou ela acaba se tornando uma referência online, além de uma confiável fonte de informação (HWANG 2015 apud NARBONA 2016, p. 7). É diante dessa conclusão que o tópico seguinte é desenvolvido, auxiliado por gráficos e números que demonstram como se dá a presença dos mais importantes líderes mundiais (e quais são eles) no Twitter.

3.2. O relatório Twiplomacy Study

Percebendo a importância do estudo dessa conjuntura, o site Twiplomacy organiza, desde o ano de 2012, um relatório anual sobre o uso do Twitter por líderes mundiais. E foi a partir do Twiplomacy Study 2015¹³ que Narbona (2016) concluiu que existem variáveis que podem mensurar a liderança exercida por determinado dirigente internacional nas redes sociais, listadas a seguir:

1. Número de seguidores: quanto maior, mais impacto a mensagem terá.
2. Grau de influência: é mensurado pelo número médio de retweets ou pelo número de usuários que geraram réplicas à mensagem postada.
3. Nível conversacional: o Twitter configura uma ferramenta que auxilia os líderes a manter contato com seus respectivos seguidores, e cada tweet pode criar uma conversa com outros usuários.

Por outro lado, quando se fala sobre os efeitos de todo esse cenário sobre a política externa, Grant (2004) concluiu que

A internet tem seus efeitos em política externa como tem em qualquer outra área da política de governo. A tecnologia agora controla a maneira pela qual a informação flui ao redor do mundo. Isso permitiu que as notícias, as quais são a base material para política externa e para o modo que os governos interagem entre si, tornassem-se mais rápidas, mais prontamente disponíveis, e capazes de alcançar quase todas as partes do mundo. As interações dos governos, que são o propósito da diplomacia, estão sendo afetadas por esses desenvolvimentos de maneira significativa. O prospecto de mudanças ainda mais rápidas, e potencialmente de maior alcance, irá requerer que os ministros de relações exteriores sejam ágeis e informados em suas respostas. (GRANT, 2004, p. 8, tradução nossa).

Ou seja, diante de um contexto desafiador e de um mundo em que a interconectividade se faz cada vez maior, é de suma importância que líderes políticos saibam usufruir das novas oportunidades trazidas pela tecnologia para compartilhar mensagens, e, sobretudo, estabelecer suas respectivas agendas políticas.

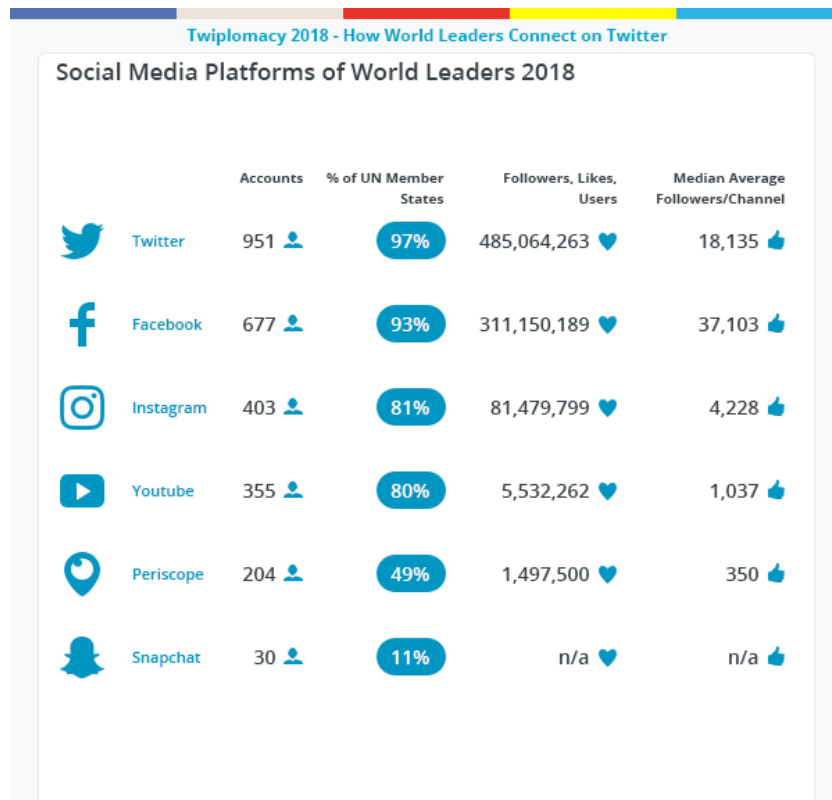
O Twiplomacy Study de 2018¹⁴, lançado em julho, confirma essa percepção: é por isso que 97% dos 193 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) possuem perfil oficial no Twitter. Apenas países como Laos, Mauritânia, Nicarágua, Coreia do Norte, Suazilândia, e Turcomenistão ainda não aderiram à plataforma social. O reconhecimento de que

¹³ Twiplomacy Study 2015. Disponível em: <https://twiplomacy.com/blog/twiplomacy-study-2015/>. Acesso em: 19 ago. 2018.

¹⁴ Twiplomacy Study 2018. Disponível em: <https://twiplomacy.com/blog/twiplomacy-study-2018/>. Acesso em: 19 ago. 2018.

o Twitter é um canal de comunicação de tamanha importância se dá na quantidade de contas que o estudo supracitado conseguiu encontrar. Foram identificadas 951 contas pertencentes a chefes de estado e/ou de governo e ministros de relações exteriores de 187 países, sendo 372 contas pessoais e 579 contas institucionais. Com esses dados, o Twitter se configura como a rede social mais usada, em termos comparativos, por líderes mundiais.

Figura 4 — Ranking das plataformas sociais mais usadas por líderes mundiais em 2018



Fonte: Twiplomacy Study 2018.¹⁵

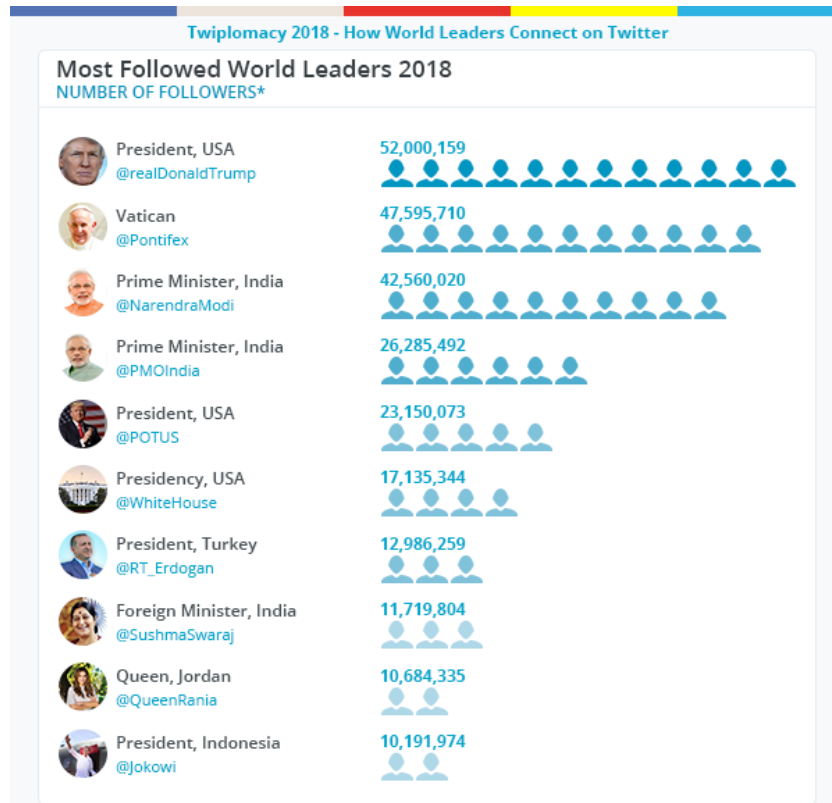
O gráfico acima aponta também que, em média, as páginas de Facebook são mais populares que os perfis existentes no Twitter (37.103 likes por página, enquanto a média de seguidores pra cada conta do Twitter é de 18.135). Contudo, comprova-se, mais uma vez, que a rede social mais procurada por agentes políticos continua sendo o Twitter.

¹⁵

Disponível em: https://twiplomacy.com/wp-content/uploads/2018/07/social_media_platforms_of_world_leaders_2018.png. Acesso em 20 ago. 2018.

Sendo a plataforma de tweets uma ferramenta que pode agregar muita influência, o relatório do Twiplomacy também traz em seu conteúdo a lista dos líderes mundiais mais seguidos.

Figura 5 — Líderes mundiais mais seguidos em 2018



Fonte: Twiplomacy Study 2018.¹⁶¹⁷

Indiscutivelmente, o perfil que tem causado o maior impacto no Twitter é o de Donald Trump, que conta com mais de 53 milhões de seguidores¹⁸. O uso que Trump faz dessa rede social será abordado mais profundamente no próximo capítulo. Entretanto, ainda em relação ao gráfico acima, é interessante notar que a lista conta com o perfil presidencial oficial norte-americano (@POTUS), e logo abaixo o perfil da Casa Branca (@WhiteHouse); ou seja, apesar de existirem outras duas contas de governo oficiais, que poderiam servir como meio de comunicação dos Estados Unidos, o canal mais utilizado e de maior influência é a conta pessoal do presidente, ativa desde maio de 2009. Em termos de influência, efetivamente, no Twitter, o primeiro lugar da lista também é ocupado por Donald Trump. Seu perfil pessoal tem um alcance

¹⁶ Disponível em: https://twiplomacy.com/wp-content/uploads/2018/07/most_followed_world_leaders_2018.png. Acesso em: 20 ago. 2018.

¹⁷ Os números referentes ao Papa Francisco compreendem a soma dos seguidores dos seus 9 perfis (em diferentes idiomas: árabe, inglês, francês, alemão, italiano, latim, polonês, português e espanhol) no Twitter.

¹⁸ Dado de agosto de 2018, período que sucedeu a divulgação do relatório Twiplomacy Study 2018.

tão grande que, no gráfico abaixo, não se vê nem o perfil presidencial (@POTUS), apenas o da Casa Branca, que ocupa a sétima posição.

Figura 6— Líderes mundiais mais influentes em 2018



Fonte: Twiplomacy Study 2018.¹⁹²⁰

Ao abordar a discussão sobre a aderência de figuras políticas às redes sociais, o caso da Índia torna-se um ponto relevante. A partir das eleições de 2014, a política indiana atentou para as oportunidades oferecidas por essas plataformas. Em apenas dois anos o atual Primeiro Ministro, Narendra Modi, viu um aumento de 400% no seu número de seguidores, o que significa dizer que em 2014 seu perfil contabilizava 4 milhões e, até 2016, 20 milhões de acompanhantes. Modi já chegou, inclusive, a ser a personalidade mais ativa e popular no Twitter.

Publicando tweets todos os dias, o primeiro ministro da Índia tem em seu perfil, majoritariamente, posts contendo fotos de viagens ao exterior, relatórios sobre o progresso feito por demais ministros do governo indiano, além de mensagens que podem promover suas iniciativas. No que tange à sua comunicação com outros líderes mundiais via Twitter, Modi

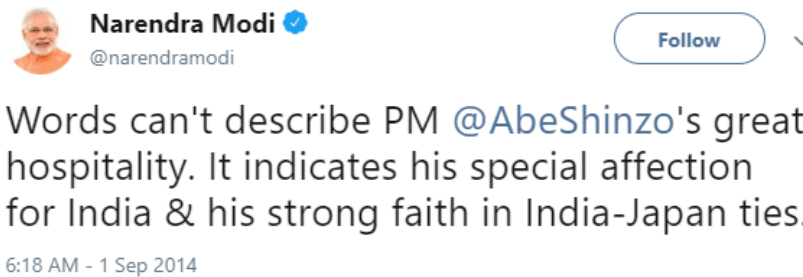
¹⁹

Disponível em: https://twiplomacy.com/wp-content/uploads/2018/07/most_influential_world_leaders_2018.png. Acesso em: 20 ago. 2018.

²⁰ Os números que compõem este gráfico correspondem ao total de interações, que são compreendidas por curtidas e *retweets*.

costuma tweetar seus cumprimentos, bem como convidar a comunidade internacional a explorar o litoral indiano que, segundo ele, oferece muitas oportunidades de negócios. Além disso, o blog oficial do Twitter percebeu, ao mapear tweets, que Modi tem geralmente usado a plataforma para tornar sua governança transparente e aberta ao público²¹.

Figura 7 — Narendra Modi cumprimenta e agradece ao Primeiro Ministro japonês Abe Shinzo



Fonte: Twitter.²²

Figura 8 — Narendra Modi publica uma selfie de seu encontro com o Primeiro Ministro da China, Li Keqiang



Fonte: Twitter.²³

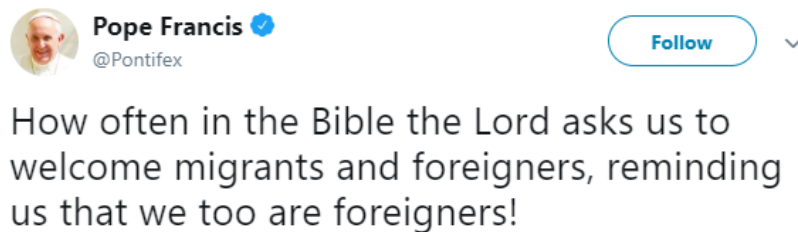
²¹ Twitter Blog. **Modi's Government is #TransformingIndia through Twitter**. Disponível em: https://blog.twitter.com/official/en_in/a/2016/modi-s-government-is-transformingindia-through-twitter-in.html. Acesso em: 24 ago. 2018.

²² Disponível em: <https://twitter.com/narendramodi/status/506430995990839296>. Acesso em: 21 ago. 2018.

²³ Disponível em: <https://twitter.com/narendramodi/status/599157848031920128?lang=en>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Outro exemplo, trazido pelo gráfico acima, é o do Papa Francisco. Segundo Narbona (2016), uma das características mais importantes do uso que o pontífice faz do Twitter encontra-se no fato de que Francisco se comunica em nove idiomas diferentes, o que aumenta muito a sua capacidade de influência. Aliás, o Papa já se posicionou, por diversas vezes, contra as políticas de imigração adotadas por Donald Trump, dentro e fora²⁴ do Twitter.

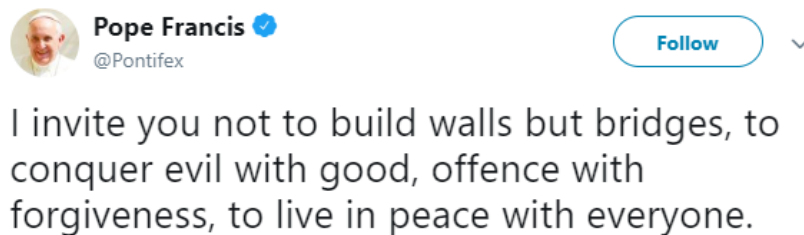
Figura 9 — Papa critica as políticas migratórias de Donald Trump



4:30 AM - 18 Feb 2017

Fonte: Twitter.²⁵

Figura 10 — Papa critica as políticas migratórias de Donald Trump (Parte 2)



5:30 AM - 18 Mar 2017

Fonte: Twitter.²⁶

A partir dos tweets expostos, fica claro como diversos líderes mundiais (aqui exemplificados por Narendra Modi e Papa Francisco) tomaram consciência da potencialidade das redes sociais, em especial do Twitter, como um recurso que pode agregar muito ao instrumental político do Estado, que ajudam na consecução de interesses e servem como plataformas legítimas de disseminação de discursos e posicionamentos. A seguir, veremos que os Estados Unidos também perceberam como era importante posicionar o Estado diante da capacidade das plataformas midiáticas sociais.

²⁴ Reuters. **Exclusive: Pope criticizes Trump administration policy on migrant family separation.** Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-pope-interview/exclusive-pope-criticizes-trump-administration-policy-on-migrant-family-separation-idUSKBN1JG0YC>. Acesso em: 24 ago. 2018.

²⁵ Disponível em: https://twitter.com/Pontifex/status/832930172579876866?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E832930172579876866&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.cnn.com%2F2017%2F05%2F23%2Fpolitics%2Fpope-trump-tweets%2Findex.html. Acesso em: 24 ago. 2018.

²⁶ Disponível em: <https://twitter.com/pontifex/status/843077028656136193?lang=en>. Acesso em: 24 ago. 2018.

3.3. Os Estados Unidos e a *digital diplomacy*

Tendo ciência de que o cerne deste trabalho encontra-se mais relacionado a questões de política externa norte-americana, devem ser discutidas e apresentadas as iniciativas dos Estados Unidos para impulsionar seus interesses internacionais a partir do espectro do advento da *digital diplomacy*.

Considerado como vanguardista nesse campo, o Departamento de Estado dos EUA lançou em 2002, após o 11 de setembro, a *Taskforce on eDiplomacy*, que no ano seguinte seria renomeada para *Office of eDiplomacy*. Segundo o site oficial do governo norte-americano, a missão desse escritório seria a de promover a diplomacia, fornecendo iniciativas eficazes de compartilhamento de conhecimento, orientações sobre como fazer convergir tecnologia e diplomacia, e consultoria de T.I. de primeira classe.²⁷

As iniciativas e ferramentas do *Office of eDiplomacy* se dividem em oito: *Communities @ State* (encoraja o staff do Departamento a formar comunidades online com a finalidade de publicar informações, conectar-se com outras pessoas, e estimular discussões); *Corridor* (rede equivalente ao Facebook, porém usada somente por quem trabalha no Departamento); *The Current* (disponível na intranet não secreta do Departamento, permite que indivíduos obtenham uma gama de informações cujas fontes podem vir de dentro ou de fora do próprio Departamento, e funciona como um jornal online); *Diplopedia* (assemelha-se ao Wikipedia, serve para criar uma ferramenta que possa servir de referência para o compartilhamento de conhecimento sobre o Departamento, bem como sobre seus programas, escritórios, e demais assuntos que interessem às relações internacionais); *Innovation Fund* (criado em 2011, apoia projetos transicionais que auxiliem no avanço de sistemas e práticas de T.I. dentro do Departamento); *SearchState* (permite que os funcionários do Departamento encontrem a informação necessária através de itens presentes em vários sites e bases de dados); *Virtual Student Foreign Service* (permite que universitários possam se comunicar com os escritórios nacionais do Departamento e com os postos diplomáticos dos Estados Unidos distribuídos ao redor do mundo, participando de um programa de estágio virtual com duração de nove meses); e *Virtual Fellows Program* (possibilita que o Departamento se beneficie da expertise de cidadãos norte-americanos, profissionais, que podem servir como consultantes, conselheiros, e pesquisadores).

²⁷ IRM's Office of eDiplomacy. Disponível em: <https://www.state.gov/m/irm/ediplomacy/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Já no ano de 2009, a então Secretária Hillary Clinton apresentou o que seria chamado de *21st Century Statecraft*. Para justificar a iniciativa, segundo o Departamento de Estado²⁸,

A agenda política do Governo do Século XXI chama atenção para as novas forças impulsionadoras de mudanças nas relações internacionais que são difusas, disruptivas e difíceis de prever. As características distintivas do Governo do Século XXI apontam o caminho para mudanças mais profundas que irão gradualmente permear toda a política externa: expansão de escopo, substituição de novas ferramentas, e mudança de valores. Estamos adaptando nosso governo através da reformulação das agendas diplomática e de desenvolvimento para enfrentar antigos desafios de novas maneiras, implantando um dos maiores ativos da América – a inovação. Este é o Governo do Século XXI – complementando as ferramentas tradicionais de política externa com instrumentos de governo recém inovados e adaptados que alavancam completamente as tecnologias do nosso mundo interconectado. (Departamento de Estado dos Estados Unidos, 2009, tradução nossa).

Para que houvesse resposta às mudanças causadas pela tecnologia e pelas mídias sociais, mais especificamente, as alterações propostas por esse programa de governo se concentrariam em quatro grandes áreas: métodos de diplomacia; abordagem a programas de desenvolvimento; foco em novas *issues* políticas; e o próprio trabalho feito dentro das embaixadas, serviços, e escritórios norte-americanos.

Ainda no campo da relação existente entre a política norte-americana e mídias sociais, é interessante e importante saber que Barack Obama foi considerado como o “primeiro presidente das redes sociais”²⁹. O ano em que Obama assumiu o cargo de presidente, em 2009, foi também o ano em que a Casa Branca entrou em várias plataformas digitais, como no Facebook, Twitter, Flickr, Vimeo, iTunes, e MySpace.

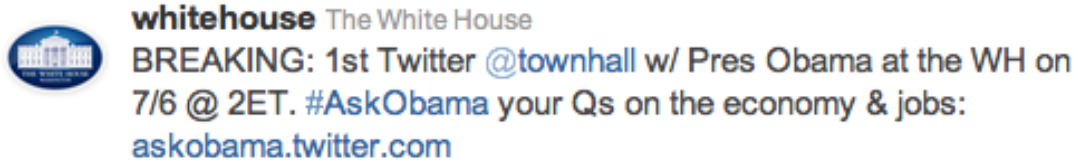
Inclusive, o ex presidente dos Estados Unidos realizou por diversas vezes fóruns públicos nos quais ele respondia a questões que haviam sido feitas por qualquer pessoa. Um desses fóruns, nomeado “*Twitter Presents Townhall @ the White House*” foi realizado em julho de 2011 e considerado inovador; qualquer um poderia tweetar qualquer pergunta, desde que relacionada aos temas de emprego e economia, usando a *hashtag* “#AskObama” e,

²⁸ 21st Century Statecraft. Disponível em: <https://2009-2017.state.gov/statecraft/overview/index.htm>. Acesso em: 20 ago. 2018.

²⁹ The Seattle Times. **Obama makes his mark as first ‘social media’ president**. Disponível em: <https://www.seattletimes.com/nation-world/nation-politics/obama-makes-his-mark-as-first-social-media-president/>. Acesso em: 21 ago. 2018.

posteriormente, Obama as responderia através de uma transmissão online, diretamente da Casa Branca.³⁰³¹³²

Figura 11 – Tweet da Casa Branca comunica sobre o town hall



Fonte: The White House: President Barack Obama.³³

Como podemos perceber, ações como essas indicam a preocupação dos Estados Unidos em se tornarem, também, uma potência no campo da diplomacia digital; não à toa, Barack Obama foi um líder com altos índices de popularidade nas redes sociais e, adicionalmente, os EUA puderam configurar-se como pioneiros na adoção e criação de ferramentas que fossem capazes de otimizar suas respectivas políticas, face à Era da Informação.

No próximo capítulo, traremos a discussão sobre a figura política que mais tem chamado atenção quando o assunto é o uso das mídias sociais atualmente. Para tanto, iremos nos concentrar em fazer um paralelo entre discursos propagados pelo atual presidente norte-americano Donald Trump na forma de tweets, e a perspectiva teórica trazida pela Escola de Copenhague.

4. A ESCOLA DE COPENHAGUE

No período que sucedeu a *détente*, a política externa estadunidense era chefiada por Ronald Regan, e esta veio a ser um dos componentes que permitiram o aumento dos conflitos no sistema internacional à época. A partir do cenário estabelecido pela Guerra Fria, o continente europeu encontrou-se em uma posição geograficamente vulnerável; nesse sentido, emergiu a necessidade de que a segurança fosse pensada de dentro da Europa. A análise das produções

³⁰ The White House: President Barack Obama. **#AskObama at the First Ever Twitter @Townhall at the White House.** Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2011/06/30/askobama-first-ever-twitter-townhall-white-house>. Acesso em: 30 ago. 2018.

³¹ Twitter Presents Townhall @ The White House. Disponível em: <https://askobama.twitter.com/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

³² The White House: President Barack Obama. **President Obama @ Twitter Town Hall: Economy, Jobs, Deficit, and Space Exploration.** Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2011/07/07/president-obama-twitter-town-hall-economy-jobs-deficit-and-space-exploration>. Acesso em: 30 ago. 2018.

³³ Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/wh-twitter-town-hall-tweet.png>. Acesso em: 30 ago. 2018.

acadêmicas europeias feitas a partir dessa percepção permite a constatação de que esses escritos já se diferenciavam do pensamento teórico vigente e tinham em seu conteúdo um maior direcionamento a questões e interesses de um viés internacionalista, e não de lógica nacional; ou seja, a partir desse contexto, a agenda de estudos se tornou mais abrangente.

Dessa forma, era essencial refletir e reformular a segurança em termos conceituais, que até então era estreitamente relacionada a aspectos militares e estatais.

Tal debate construiu três perspectivas: tradicionalista, crítica e abrangente. Para a primeira, os estudos de segurança deveriam se ater ao campo militar, com o Estado sendo a maior unidade de análise. Para a segunda, esses estudos têm a responsabilidade de colaborar com a emancipação humana. E, de acordo com a terceira e última, as pesquisas devem incluir ameaças de vários tipos, as quais, segundo Barry Buzan (1991), poderiam ser, além de militares, políticas, econômicas, ambientais e sociais. No livro “*Security: a New Framework for Analysis*” (1998), Buzan, juntamente a Ole Waever e Jaap de Wilde, afirma que era necessário que se construísse um aparato conceitual sobre segurança, que pudesse significar algo mais específico do que qualquer ameaça ou problema (p. 5). Sendo assim, a visão que será adotada neste ensaio é a abrangente, que também subsidia a teoria da Escola de Copenhague.

Primeiramente, é importante que se reconheça que o termo “segurança”, quando tratado em caráter internacional, é distinto e tem um significado mais extremo, estando muito ligado às tradições da política de poder, diferentemente da segurança social, por exemplo. No campo da segurança internacional, uma *issue* se justifica a partir de um entendimento tradicional, nesse caso, relacionado a aspectos militares e políticos.

Para Buzan, Waever, e de Wilde (1998, p. 21, tradução nossa), “[...] a segurança é sobre sobrevivência. É quando uma *issue* é apresentada como impondo uma ameaça existencial a um determinado objeto referente.” No intuito de “especificar” o estudo, os autores declaram que não existe um padrão universal que defina o que se caracterize como uma ameaça à vida humana; portanto, as propriedades das ameaças existenciais irão variar.

Para tanto, essas peculiaridades são explicadas (1998, p. 22). No setor militar, o objeto referente é, em geral, o próprio Estado, podendo também ser outras entidades políticas. No setor político, as ameaças existenciais costumam ser definidas em termos de princípios constituintes do Estado (como soberania e ideologia). No setor econômico, os autores julgam os objetos referentes e as ameaças existenciais como sendo mais difíceis de serem definidos, já que as percepções sobre esses aspectos se diferenciam de acordo com a perspectiva (as empresas, por exemplo, se veem mais ameaçadas pela possibilidade de falência e por mudanças

em leis que podem as tornar ilegais ou inviáveis, enquanto o mercado econômico raramente tenta securitizar a sua própria sobrevivência). No setor societal, o objeto referente encontra-se nas identidades coletivas, como nações e religiões. Assim como no setor econômico, há uma dificuldade em estabelecer exatamente quais são as ameaças. Contudo, o que se pode afirmar é que essas identidades coletivas sofrem evoluções e mudanças naturais, e tais transformações podem ser tidas como invasivas ou heréticas, com suas respectivas fontes sendo caracterizadas como ameaças existenciais (mas nem sempre é assim, já que alterações podem também ser aceitas como sendo parte do desenvolvimento de uma determinada identidade). No último setor, o ambiental, encontramos uma gama enorme de possíveis objetos referentes, mas que podem ser compreendidas e detectadas a partir de uma percepção de preocupações sobre a relação entre a espécie humana e o restante da biosfera, e se essa relação pode ser sustentada sem criar riscos às civilizações ou rupturas no legado biológico do planeta.

Teoricamente, há um “espectro da securitização”, na qual qualquer assunto público pode ser posto, variando entre os estágios de não politizado, politizado e securitizado (1998, p. 23). O caso de não politizado implica no entendimento de que o Estado não lida com o assunto e que não existe um debate público sobre isso. Quando o assunto é politizado, é porque faz parte da política pública e demanda decisões governamentais, além de alocação de recursos. No entanto, se o assunto é securitizado, a “ferramenta da securitização” ganha espaço a partir da seguinte noção: quando uma *issue* é securitizada, ela é retratada como uma ameaça existencial, necessitando de medidas emergenciais e podendo justificar ações que estão fora dos limites usuais dos procedimentos políticos; ou seja, essa *issue* pode ser considerada como um tipo especial de política ou até mesmo como estando acima das políticas.

Contudo, é importante que se saiba que a segurança, em si, é uma prática auto-referencial, o que tem como consequência o fato de que a exata definição e os critérios da securitização se dão de forma intersubjetiva e são socialmente construídos (1998, p. 24). Ou seja, algo pode ser visto como uma legítima securitização dentro de uma determinada comunidade política, enquanto que, em outra comunidade, essa não seja a mesma percepção. Mesmo assim, há como identificar uma securitização exitosa a partir de três componentes: ameaças existenciais, ações de emergência e efeitos nas relações interunidades através da quebra de regras (1998, p. 26).

Dentro da perspectiva da Escola de Copenhague, os “processos de construção de questões de segurança ocorrem, primordialmente, por meio de discursos proferidos pelos atores mais interessados em estabelecer agendas de segurança” (Tanno, 2003, p. 57), o que deixa clara

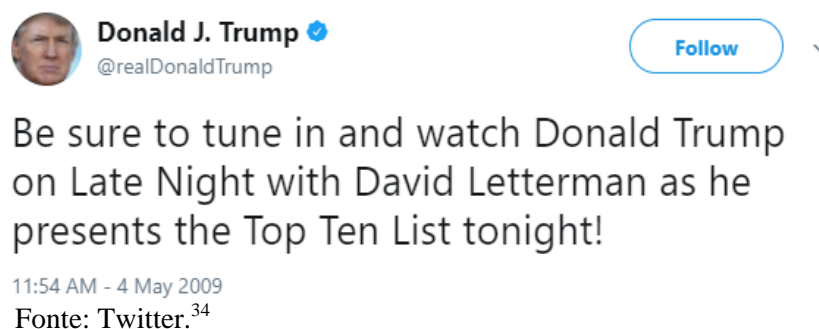
a influência construtivista nessa teorização. Dessa maneira, para que se faça análise da securitização, é necessário – mas não suficiente – que se estude o discurso, já que esse elemento pode trazer algo como sendo uma ameaça existencial a um objeto referente. Segundo Waever (1988, 1995b, 1995c apud BUZAN; WAEVER; DE WILDE, 1998, p. 24), a análise textual é muito importante para o campo da segurança, pelo fato de que, a partir dela, algo pode ser qualificado como uma *issue* de segurança internacional, tendo em vista possíveis argumentos que busquem comprovar que essa determinada *issue* é mais importante do que as demais, e, portanto, mereceria prioridade absoluta.

Devemos ressaltar que o discurso se caracteriza como um *securitizing move*, mas não como a securitização de uma *issue* em si. Não obstante, quem garante o sucesso do processo de securitização não é o *securitizer*, ao tentar impor a suposta importância da *issue*, mas sim a audiência dada ao ato de fala representado pelo discurso, ao aceitar a necessidade da securitização, o que constata mais uma vez a natureza intersubjetiva desse fenômeno. É por essa razão que o processo securitizador é visto como um *speech act*. Esse é o motivo para que o presente trabalho explore o discurso de Donald Trump, através de seus tweets (principal, mas não unicamente), com o intuito de verificar e perceber as tendências existentes na agenda de segurança norte-americana sob o seu comando, bem como suas respectivas consequências na arena da política internacional.

5. DONALD TRUMP E O TWITTER

Em 2009, Peter Constanzo, então chefe de marketing de Donald Trump, sugeriu que as mídias sociais poderiam ser usadas para chamar a atenção para o livro que Trump havia lançado, *Think Like a Champion*. Em maio do mesmo ano, Trump enviou seu primeiro tweet, promovendo sua aparição no programa Late Show with David Letterman.

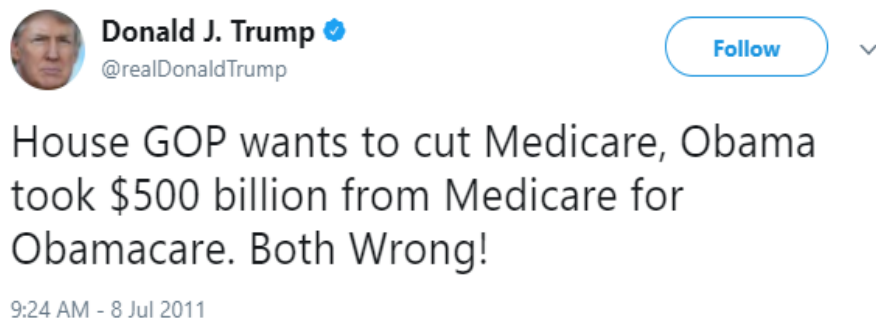
Figura 12 — Primeiro tweet de Donald Trump



³⁴ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1698308935?lang=en>. Acesso em 22 dez. 2017.

Seus tweets posteriormente foram sobre o programa de TV *The Apprentice*, suas aparições, alguns fatos familiares, e algumas frases feitas por ele mesmo. Até certo período, os tweets enviados diretamente por Trump eram marcados pela *tag* “from Donald Trump”, a fim de diferenciar os tweets que eram enviados por ele mesmo dos tweets feitos pelo seu staff, mas, à época, raramente traziam comentários sobre assuntos com teor político. Porém, a partir de junho de 2011, os tweets já não traziam mais esse tipo de “distinção”, e Trump passou a usar a plataforma de maneira mais assídua, começando a comentar frequentemente sobre seus negócios, mas com o diferencial de agora também falar sobre política. O primeiro tweet de Trump a respeito disso foi uma crítica aos Republicanos que, de acordo com ele, tinham planos de acabar com o Medicare.³⁵

Figura 13 - Trump critica os republicanos



Fonte: Twitter.³⁶

Desde então, percebeu-se um aumento significativo na frequência com que Trump tweetava. De acordo com uma pesquisa da BBC³⁷, até maio de 2011 ele se pronunciou na rede social pouco mais de 275 vezes, enquanto que em 2016 tuitou, em média, 375 vezes por mês. Nesse sentido, nota-se que suas postagens tiveram um papel importante no período que compreendeu a campanha presidencial.

Em dezembro de 2016, quase um mês após a vitória de Donald Trump nas urnas, foi divulgada uma enquete cujos resultados mostraram que a maioria dos eleitores concordavam que o presidente eleito passava muito tempo usando a plataforma.³⁸ É interessante saber que o próprio Trump afirmou que o Twitter e o Facebook o ajudaram a ganhar as eleições com custos

³⁵ Sistema de seguros de saúde gerido pelo governo dos Estados Unidos, destinado às pessoas de idade igual ou maior que 65 anos, determinados jovens com deficiências, e pessoas com *End-Stage Renal Disease* (ESRD). Disponível em: <https://www.medicare.gov/sign-up-change-plans/decide-how-to-get-medicare/whats-medicare/what-is-medicare.html>. Acesso em: 28 dez. 2017.

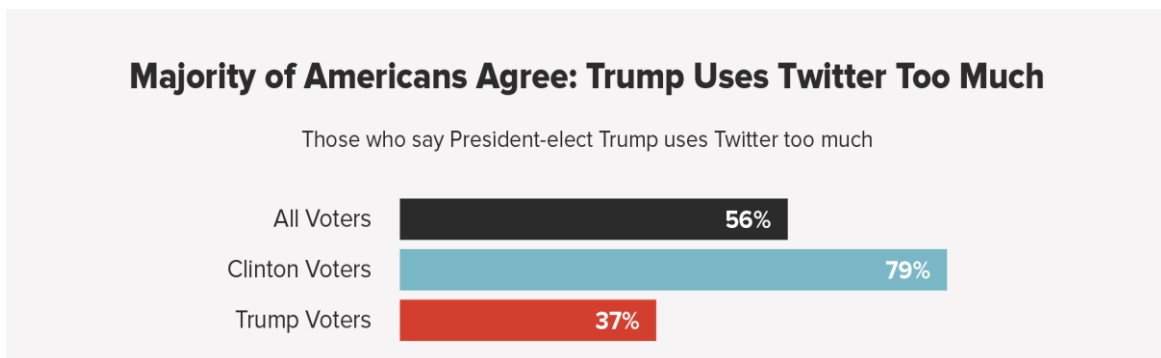
³⁶ Disponível em: https://twitter.com/realDonaldTrump/status/89369211993985024?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 28 dez. 2017.

³⁷ BBC. **Trump on Twitter: A history of the man and his medium.** Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-us-canada-38245530>. Acesso em: 22 dez. 2017.

³⁸ Morning Consult. **Donald Trump Tweets Too Much, Most Voters Say.** Disponível em: <https://morningconsult.com/2016/12/06/donald-trump-tweets-much-voters-say/>. Acesso em: 26 dez. 2017.

menores do que seus adversários tiveram com publicidade durante suas campanhas.³⁹ E mais: para ele, suas mídias sociais funcionam como “armas” na luta contra o que ele chama de *fake news*, e permitiram uma comunicação direta com os eleitores. Segundo Trump, “Tweeting is like a typewriter – when I put it out, you put it immediately on your show. When somebody says something about me, I am able to go bing, bing, bing and I take care of it. The other way, I would never be get the word out.”⁴⁰

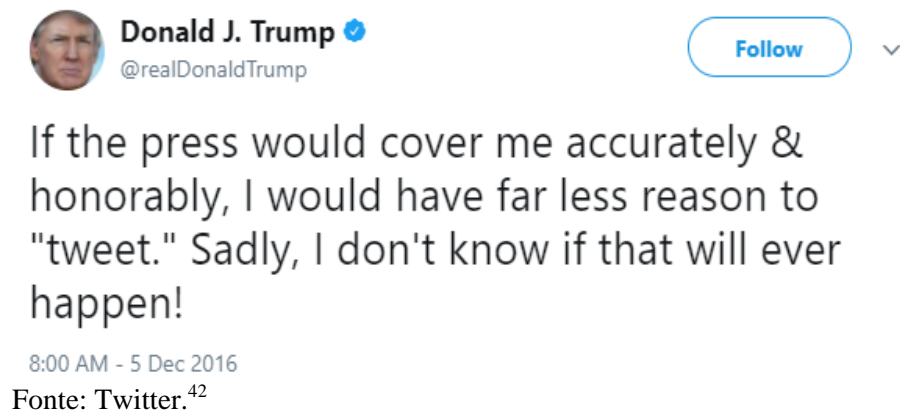
Figura 14 — Maioria dos Americanos concorda: Trump usa demais o Twitter



Fonte: Morning Consults.⁴¹

Curiosamente, um dia antes da divulgação desses resultados (5 de dezembro de 2016), Trump usou o Twitter para justificar e defender o uso que vinha fazendo da plataforma.

Figura 15 — Trump justifica seu uso do Twitter



³⁹ The Verge. **Donald Trump says Facebook and Twitter ‘helped him win’**. Disponível em: <https://www.theverge.com/2016/11/13/13619148/trump-facebook-twitter-helped-win>. Acesso em 27 dez. 2017.

⁴⁰ Independent. **Donald Trump says he would not be President without Twitter**. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/donald-trump-tweets-twitter-social-media-facebook-instagram-fox-business-network-would-not-be-a8013491.html>. Acesso em: 23 dez. 2017.

⁴¹ Disponível em: https://morningconsult.com/wp-content/uploads/2016/12/161206_trump_twitter_1.png. Acesso em: 26 dez. 2017.

⁴² Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/805804034309427200?lang=en>. Acesso em: 26 dez. 2017.

Já em 20 janeiro de 2017, no seu discurso de posse como Presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump fez várias críticas ao governo Obama, alegando, dentre outros, que

For many decades, we've enriched foreign industry at the expense of American industry; subsidized the armies of other countries, while allowing for the very sad depletion of our military. **We've defended other nations' borders while refusing to defend our own.** [...] From this day forward, a new vision will govern our land. From this day forward, it's going to be only America first, America first. **Every decision on trade, on taxes, on immigration, on foreign affairs will be made to benefit American workers and American families. We must protect our borders from the ravages of other countries making our products, stealing our companies and destroying our jobs.** [...] **We will reinforce old alliances and form new ones and unite the civilized world against radical Islamic terrorism, which we will eradicate from the face of the Earth.** [...] Together, we will make America strong again. We will make America wealthy again. We will make America proud again. We will make America safe again. And yes, together we will make America great again.⁴³ (grifos nossos).

A partir de tais trechos, é possível inferir qual seria a agenda política de Donald Trump, agora como presidente. Nas seções seguintes, serão apresentadas algumas ações tomadas por Trump a partir de certas tendências detectadas em seu discurso de posse.

5.1. Tweets sobre as questões migratória e religiosa

Sete dias depois de sua posse, Trump assinou um decreto presidencial que impôs um bloqueio de 90 dias à entrada de viajantes de sete países (Iraque, Irã, Líbia, Somália, Sudão, Síria e Iêmen), todos de maioria muçulmana, e um outro bloqueio, este de 120 dias, à entrada de todos os refugiados.⁴⁴ Aqui, percebe-se que uma questão que foi muito debatida por Trump durante a campanha se tornou uma ação executiva, de fato. Mas, mais do que isso, essa ação sinalizou o que foi apresentado anteriormente como o processo de *securitização*. O próprio título da ordem executiva já acusa esse caráter, de ameaça existencial a um objeto referente: *Protecting the Nation from Foreign Terrorist Entry into the United States*. Todavia, o decreto foi bloqueado rapidamente em tribunal, e suas atualizações apresentadas em março (retirando o Iraque da lista anterior)⁴⁵ e em setembro (acrescentando cidadãos norte-coreanos,

⁴³ The Washington Post. **Trump's full inauguration speech transcript, annotated.** Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/01/20/donald-trumps-full-inauguration-speech-transcript-annotated/?utm_term=.496c79a906dc. Acesso em: 23 dez. 2017.

⁴⁴ Federal Register. **Protecting the Nation From Foreign Terrorist Entry Into the United States.** Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2017/02/01/2017-02281/protecting-the-nation-from-foreign-terrorist-entry-into-the-united-states>. Acesso em: 26 dez. 2017.

⁴⁵ Federal Register. **Protecting the Nation From Foreign Terrorist Entry Into the United States.** Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2017/03/09/2017-04837/protecting-the-nation-from-foreign-terrorist-entry-into-the-united-states>. Acesso em 26 dez. 2017.

venezuelanos e chadianos)⁴⁶ foram frustradas, em algum nível, pelas autoridades judiciais. À época do bloqueio do primeiro decreto, Trump demonstrou sua insatisfação, novamente, no Twitter.

Figura 16 — Trump manifesta sua insatisfação diante do bloqueio de seu decreto presidencial

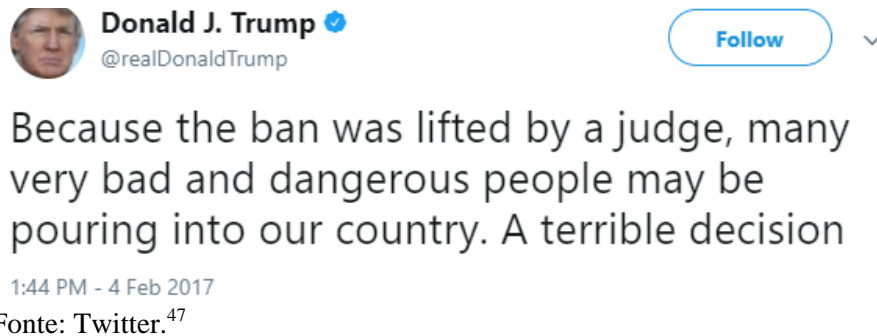
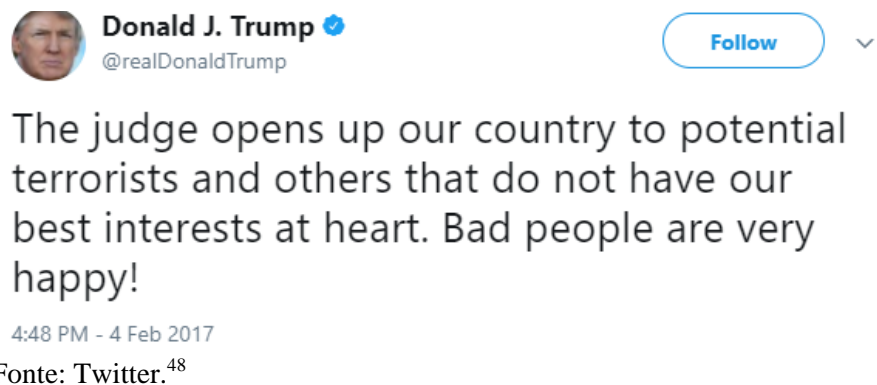


Figura 17 — Trump manifesta sua insatisfação diante do bloqueio de seu decreto presidencial (Parte 2)



Ainda em dezembro de 2015, Trump propôs durante sua campanha uma proibição “total e completa” aos muçulmanos que desejassem entrar nos Estados Unidos⁴⁹, além de ter sugerido que fosse criado um sistema de vigilância para o monitoramento de mesquitas⁵⁰, já indicando que esse tipo de assunto teria grande espaço e importância dentro de sua agenda como presidente.

⁴⁶ White House. **Presidential Proclamation Enhancing Vetting Capabilities and Processes for Detecting Attempted Entry Into the United States by Terrorists or Other Public-Safety Threats**. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/presidential-proclamation-enhancing-vetting-capabilities-processes-detecting-attempted-entry-united-states-terrorists-public-safety-threats/>. Acesso em: 26 dez. 2017.

⁴⁷ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/827996357252243456>. Acesso em: 26 dez. 2017.

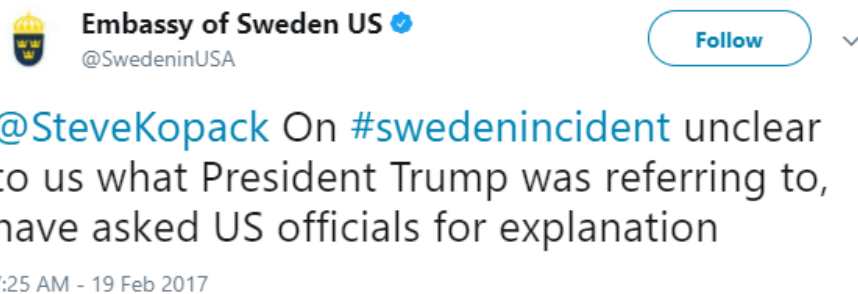
⁴⁸ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/828042506851934209>. Acesso em: 26 dez. 2017.

⁴⁹ Vox. **Donald Trump proposes “total and complete shutdown of Muslims entering the United States”**. Disponível em: <https://www.vox.com/2015/12/7/9867900/donald-trump-muslims>. Acesso em: 23 dez. 2017.

⁵⁰ Yahoo. **Donald Trump has big plans for ‘radical Islamic’ terrorists, 2016 and ‘that communist’ Bernie Sanders**. Disponível em: <https://www.yahoo.com/news/donald-trump-has-big-plans-1303117537878070.html>. Acesso em: 23 dez. 2017.

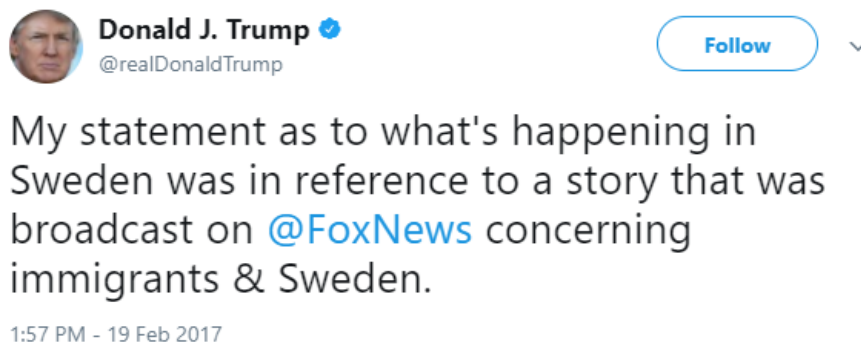
Um episódio curioso ocorreu em fevereiro de 2017, durante um comício na Flórida, no qual Trump atacou a política migratória europeia ao declarar “[...] veja o que está acontecendo na Alemanha, veja o que aconteceu noite passada na Suécia. Suécia, quem acreditaria nisso?”.⁵¹ Logo depois, a Embaixada da Suécia nos Estados Unidos se pronunciou via Twitter, afirmando que não havia ficado claro sobre qual incidente o presidente norte-americano tinha se referido, e que as autoridades suecas pediriam explicações a oficiais dos EUA. No mesmo dia, Trump também usou o Twitter para tentar justificar sua declaração.

Figura 18 — Embaixada da Suécia nos Estados Unidos sobre as declarações de Trump



Fonte: Twitter.⁵²

Figura 19 — Trump justifica sua declaração



Fonte: Twitter.⁵³

No final de junho de 2017, a Suprema Corte decidiu por defender parcialmente o *travel ban*, que se aplicaria a seis países (Irã, Líbia, Somália, Sudão, Síria e Iêmen). Segundo a decisão, o critério de entrada para os cidadãos das nacionalidades acima seria o de terem uma relação genuína (*bona fide*) com alguma entidade ou pessoa norte-americana, devendo ser capazes de prová-la.

⁵¹ The Atlantic. **The International Incidents Sparked by Trump's Twitter Feed in 2017**. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/12/trump-tweets-foreign-policy/547892/>. Acesso em: 22 dez. 2017.

⁵² Disponível em: <https://twitter.com/SwedeninUSA/status/833336769013772289>. Acesso em: 22 dez. 2017.

⁵³ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/833435244451753984>. Acesso em: 22 dez. 2017.

Contudo, essa discussão só voltou à tona em setembro de 2017, quando Donald Trump emitiu uma nova ordem, em forma de proclamação, que baniu por período indefinido praticamente todas as viagens, oriundas de oito países (Irã, Líbia, Síria, Iêmen, Somália, Chade, Coreia do Norte e Venezuela), aos Estados Unidos.⁵⁴ Mesmo assim, houve esforço por parte de oficiais da administração para que essa medida não fosse interpretada como islamofóbica, já que a ordem não era apenas contra países de maioria muçulmana (na verdade, apenas dois dos oito países citados não se configuravam dessa forma: a Coreia do Norte e a Venezuela).

Outro evento que ganhou grande repercussão e que demonstra esse sentimento anti-muçulmano ocorreu em novembro de 2017, quando Trump retweetou três vídeos que haviam sido postados no perfil de Jayda Fransen, líder de um grupo britânico de extrema direita, chamado Britain First. No primeiro vídeo, um suposto imigrante muçulmano ataca um jovem holandês que estava de muletas; o segundo vídeo mostra um homem quebrando uma imagem de Nossa Senhora, e teria sido filmado na Síria; o último vídeo mostrava o que seria um grupo de militantes islâmicos matando um homem. Os tweets foram marcados como contendo “material sensível” e não estão mais disponíveis.

⁵⁴ White House. **Presidential Proclamation Enhancing Vetting Capabilities and Processes for Detecting Attempted Entry Into the United States by Terrorists or Other Public-Safety Threats**. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/presidential-proclamation-enhancing-vetting-capabilities-processes-detecting-attempted-entry-united-states-terrorists-public-safety-threats/>. Acesso em: 22 dez. 2017.

Figura 20 — Trump retweeta vídeos anti-muçulmanos



Fonte: BBC.⁵⁵

Já em janeiro de 2018, a Suprema Corte norte-americana concordou em ouvir uma contestação à terceira ordem de banimento muçulmano. Inicialmente contemplando oito países, posteriormente ficou composta por sete, retirando o Chade da lista. Cinco meses depois, em junho, a Suprema Corte declarou apoio ao “*Muslim Ban*” em uma votação na qual o placar foi de 5 votos a 4. Ao defender essa maioria, o juiz John G. Roberts alegou que Trump possuía “ampla autoridade estatutária para fazer julgamentos sobre a segurança nacional no campo da imigração”, rejeitando qualquer desafio constitucional à última ordem executiva feita pelo presidente norte-americano (em setembro de 2017).⁵⁶ Após o resultado, a Casa Branca divulgou um comunicado no qual Donald Trump alegava que essa decisão judicial representava uma “vitória tremenda para o povo e para a Constituição americana. [...] e é também um momento

⁵⁵ Disponível em: https://ichef-1.bbci.co.uk/news/624/cpsprodpb/AA94/production/_98986634_trumptweets-nc.png. Acesso em: 23 dez. 2017.

⁵⁶ The New York Times. **Trump’s Travel Ban Is Upheld by Supreme Court**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/26/us/politics/supreme-court-trump-travel-ban.html>. Acesso em: 12 ago. 2018.

de profunda defesa, após meses de comentários históricos da mídia e de políticos democratas que se recusam a fazer o que é preciso para assegurar nossa fronteira e nosso país.”⁵⁷

Sobre essa temática, pode-se perceber que a linha de distinção entre religião e segurança é muito tênue na política de Trump. Ou seja, o ponto chave de análise está no fato de que o presidente dos Estados Unidos vê a comunidade muçulmana tanto como um ameaça de natureza religiosa quanto de natureza de segurança, algo que já podia ser percebido antes mesmo de tornar-se chefe da nação norte-americana.

5.2. Tweets sobre a questão fronteiriça entre México e Estados Unidos

Outro tema que pautou a agenda de segurança de Donald Trump, desde sua campanha presidencial, versa sobre a fronteira com o México, mais precisamente a problemática do muro que divide os dois países, e que de acordo com Trump, tinha que ser uma barreira impenetrável, enorme, poderosa e linda⁵⁸, e deveria ser pago pelos mexicanos. É importante que se lembre que foram construídas cercas no decorrer das três gestões que antecederam Trump, mas nenhuma verdadeiramente forte. O muro possui mil quilômetros não sequenciais, enquanto a proposta do atual presidente traz uma construção que seria capaz de cobrir uma área de 3,1 quilômetros e atravessaria todos os tipos de terreno (rios, vales, desertos, e áreas repletas de verde).

Durante sua campanha, no último dia de agosto de 2016, o ainda candidato Trump fez uma viagem inesperada ao México, para conhecer o presidente Enrique Peña Nieto. Entretanto, o norte-americano afirmou que ele e Peña Nieto não chegaram a discutir sobre quem pagaria pelo muro.⁵⁹ Mesmo assim, no dia seguinte, Trump tweetou que o México pagaria, sim, pelo tal muro, e logo foi refutado pelo presidente mexicano, que também se pronunciou através do Twitter.

⁵⁷ White House. **Statement from the President Regarding Supreme Court Ruling.** Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/statement-president-regarding-supreme-court-ruling/>. Acesso em: 12 ago. 2018.

⁵⁸ O Globo. **Entenda a proposta de Trump para o muro na fronteira mexicana.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-proposta-de-trump-para-muro-na-fronteira-mexicana-20824875>. Acesso em: 29 dez. 2017.

⁵⁹ ABC News. **Trump Says He 'Didn't Discuss' Border Wall Payment With Mexican President.** Disponível em: <http://abcnews.go.com/Politics/donald-trump-holds-joint-press-conference-mexican-president/story?id=41770165>. Acesso em: 29 dez. 2017.

Figura 22 — Trump afirma que o México pagará pelo muro



Mexico will pay for the wall!

3:31 AM - 1 Sep 2016

Fonte: Twitter.⁶⁰

Figura 21 — Peña Nieto nega o pagamento do muro



Repito lo que le dije personalmente, Sr. Trump: México jamás pagaría por un muro.

Donald J. Trump @realDonaldTrump
Mexico will pay for the wall!

12:06 PM - 1 Sep 2016

Fonte: Twitter.⁶¹

Em 25 de janeiro de 2017, apenas cinco dias após a posse, Trump, assinou uma ordem executiva que dava início ao fortalecimento do muro e bloqueava subsídios federais dados às cidades-santuário (lugares que oferecem “porto seguro” para imigrantes indocumentados)⁶².

Figura 23 — Trump critica histórico das relações entre EUA e México



Mexico has taken advantage of the U.S. for long enough. Massive trade deficits & little help on the very weak border must change, NOW!

11:19 AM - 27 Jan 2017

Fonte: Twitter.⁶³

⁶⁰ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/771294347501461504>. Acesso em: 29 dez. 2017.

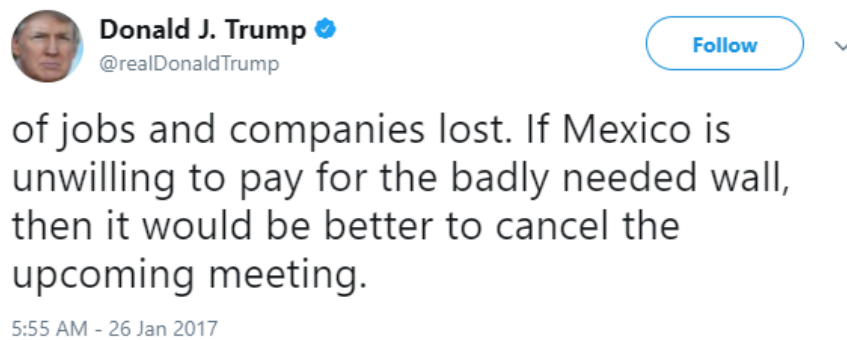
⁶¹ Disponível em: <https://twitter.com/EPN/status/771423919978913792>. Acesso em: 29 dez. 2017.

⁶² White House. **Executive Order: Border Security and Immigration Enforcement Improvements**. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/executive-order-border-security-immigration-enforcement-improvements/>. Acesso em: 30 dez. 2017.

⁶³ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/824970003153842176>. Acesso em: 29 dez. 2017.

No mesmo dia, Peña Nieto veio a público, através de uma mensagem televisada⁶⁴, para reafirmar que o México não arcaria com os custos do muro, declarando que se sentia consternado com a situação e que condenava a decisão norte-americana de construir um muro que nunca foi capaz de unir as duas nações, apenas as separou ainda mais.⁶⁵ A dúvida que ficou após esse acontecimento foi se o presidente mexicano cancelaria o encontro com o norte-americano que estava marcado para o dia 31, por conta da ordem executiva que havia sido assinada, enquanto o então secretário de imprensa Sean Spicer repetiu insistentemente que o México pagaria pela obra.⁶⁶ Um dia depois, Trump declarou via Twitter, que, se o México não estava disposto a arcar com os custos, então seria melhor que o encontro fosse cancelado.

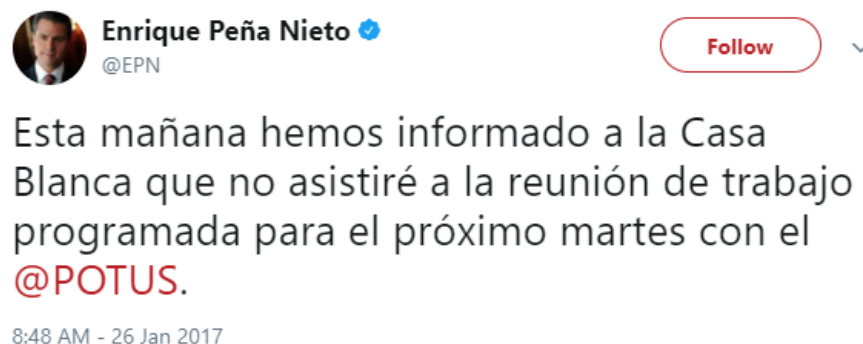
Figura 24 — Trump critica posicionamento de Peña Nieto



Fonte: Twitter.⁶⁷

Horas depois do tweet de Trump, Peña Nieto usou a plataforma para informar que havia comunicado à Casa Branca de que não compareceria à reunião.

Figura 25 — Peña Nieto informa que não participaria da reunião



Fonte: Twitter.⁶⁸

⁶⁴ Disponível em: <https://twitter.com/ePN/status/824447050066468865?lang=en>. Acesso em: 29 dez. 2017.

⁶⁵ Countable. **A History of Trump's Border Wall**. Disponível em: <https://www.countable.us/articles/418-history-trump-s-border-wall>. Acesso em: 28 dez. 2017.

⁶⁶ The Guardian. **Trump signs order to begin Mexico border wall in immigration crackdown**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/25/donald-trump-sign-mexico-border-executive-order>. Acesso em: 29 dez. 2017.

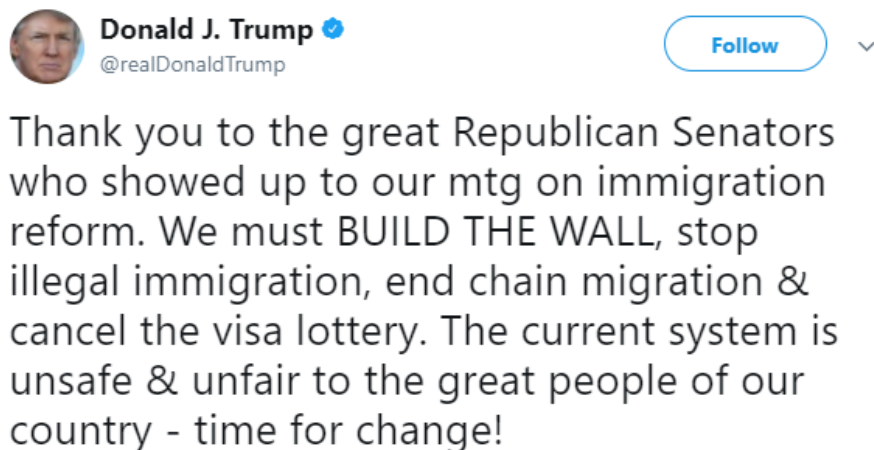
⁶⁷ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/824616644370714627>. Acesso em: 29 dez. 2017.

⁶⁸ Disponível em: <https://twitter.com/EPN/status/824660333964824576>. Acesso em: 29 dez. 2017.

Durante um encontro com republicanos na Filadélfia, Trump declarou que o cancelamento da reunião havia sido uma decisão mútua, e que enquanto o México não tratasse os EUA de maneira justa e respeitosa, nenhuma reunião entre os dois seria frutífera.⁶⁹ Após isso, Trump falou, entre tweets próprios e retweets, mais 25 vezes sobre o muro, segundo números do site Trump Twitter Archive⁷⁰, contudo, sem conseguir um acordo com o governo mexicano.

Até que, em 4 de janeiro de 2018, o presidente norte-americano agradeceu aos senadores republicanos que compareceram a um encontro na Casa Branca para discutir a reforma da política de imigração, reafirmando que os EUA devem construir o muro, parar a imigração ilegal, acabar com a “imigração em cadeia”, e cancelar a “loteria de vistos”, alegando ainda que o atual sistema não é seguro e nem justo com os norte-americanos.

Figura 26 — Trump comenta sobre reunião com senadores republicanos



3:53 PM - 4 Jan 2018

Fonte: Twitter.⁷¹

Dois meses após a reunião, o Congresso liberou o valor de US\$ 1,6 bilhão (mesmo Trump tendo dito, ainda em janeiro, que desejava uma quantia de US\$ 25 bilhões) para ajudar nas obras do muro. Nos primeiros dias de junho, as novas construções iniciaram no território da cidade de San Diego, na Califórnia.⁷²

⁶⁹ The Guardian. **Mexican president cancels US visit over Trump's order to build border wall.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/26/mexican-president-cancels-us-visit-border-wall-nieto-trump>. Acesso em: 29 dez. 2017.

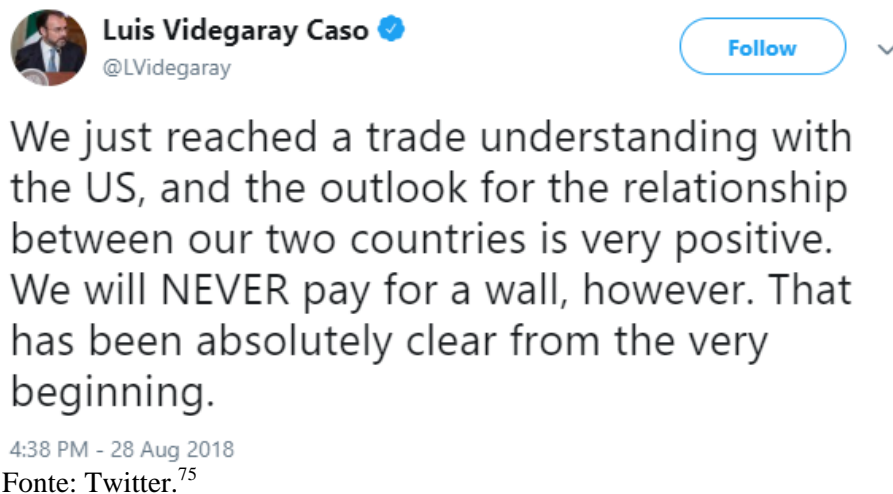
⁷⁰ Disponível em: <http://www.trumptwitterarchive.com/archive/wall>. Acesso em 4 jan. 2018. Dados atualizados até dia 8 de janeiro de 2018.

⁷¹ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/949066181381632001>. Acesso em: 4 jan. 2018.

⁷² Fox News. **Construction on San Diego section of US border wall begins, CBP says.** Disponível em: <https://www.foxnews.com/us/construction-on-san-diego-section-of-us-border-wall-begins-cbp-says>. Acesso em: 10 jun. 2018.

Mesmo depois disso, Trump voltou a afirmar, em agosto, que no final das contas quem seria o responsável pelo pagamento do muro era o México⁷³. O Ministro das Relações Exteriores do México, Luis Videgaray Caso, apesar de reconhecer como positivo o acordo comercial fechado entre ambos países⁷⁴, logo rebateu a afirmativa no Twitter, dizendo que as autoridades mexicanas haviam sido claras desde o início de que não arcariam com as despesas geradas pela construção do muro.

Figura 27 — Chanceler mexicano refuta afirmativa de que o México pagaria pelo muro



A fim de que possa continuar pagando pela construção e reforma do muro, Trump precisa do apoio do Congresso norte-americano para a destinação de recursos, e vem enfrentando dificuldades quanto a isso. Em setembro, enquanto os congressistas buscavam adiar a discussão do financiamento da fronteira até o mês de dezembro, Donald Trump ameaçou paralisar determinados setores do governo⁷⁶, e dias antes já havia manifestado sua insatisfação por conta da falta de capital.

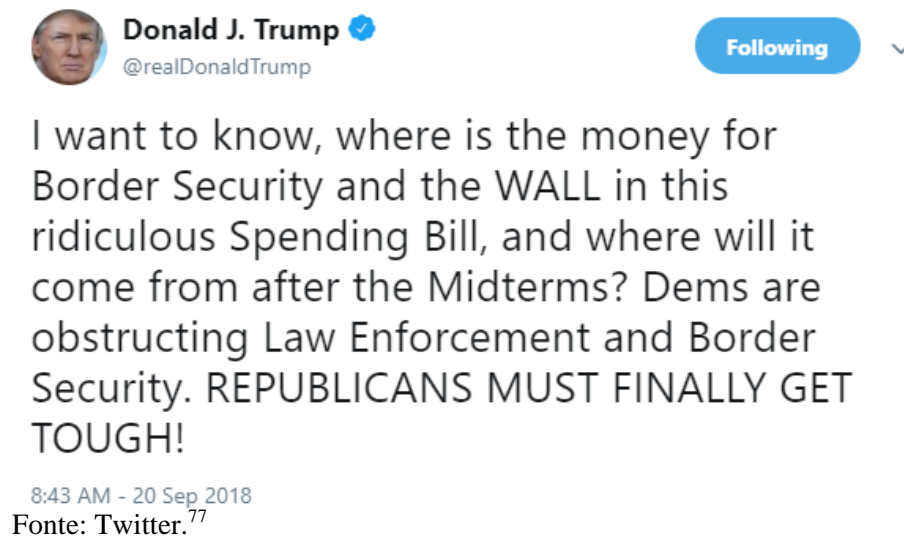
⁷³ Global News. **Mexico rejects Trump claim it will ‘easily’ pay for border wall after new trade deal.** Disponível em: <https://globalnews.ca/news/4416027/trump-mexico-border-wall-2/>. Acesso em: 4 set. 2018.

⁷⁴ The Washington Post. **Trump announces separate U.S.-Mexico trade agreement, says Canada may join later.** Disponível em: https://www.washingtonpost.com/business/2018/08/27/us-mexico-reach-partial-agreement-resolve-trade-conflict-step-towards-nafta-deal/?noredirect=on&utm_term=.3772703c4e01. Acesso em: 3 set. 2018.

⁷⁵ Disponível em: <https://twitter.com/lvidegaray/status/1034525732746289152?lang=en>. Acesso em: 4 set. 2018.

⁷⁶ CNBC. **Trump may choose to shut down the government this weekend over his border wall demands.** Disponível em: <https://www.cnbc.com/2018/09/26/trump-may-force-government-shutdown-over-border-wall-spending.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

Figura 28 — Trump critica os Democratas por conta da falta de alocação de recursos para a construção do muro



Especificamente sobre esse tema, ainda não foi possível reportar o acontecimento de algum fato que leve à constatação da existência de uma securitização. O que se pode afirmar é que essa é uma das pautas mais importantes em aspectos de segurança internacional e nacional para Trump, podendo, por ora, ser classificada como politizada, o que significa dizer que essa questão faz parte da política pública, requerendo decisão governamental e alocação de recursos ou, em casos mais raros, alguma outra forma de governança comum (BUZAN; DE WILDE; WAEVER; 1998). Todavia, isso não indica que esse assunto não possa futuramente ser securitizado, tendo em vista as recentes crises que separaram famílias com membros imigrantes que haviam cruzado a fronteira e estavam nos EUA ilegalmente. Essas diretrizes foram adotadas em abril e, após a repercussão negativa que causaram, foram suspensas no dia 20 de junho, por período indeterminado.⁷⁸ Além disso, faz-se importante observar o desenrolar das futuras relações entre Estados Unidos e México, por conta da troca de presidentes no país latino americano; quem assume no lugar de Enrique Peña Nieto, em 1º de dezembro, é o líder social Andrés Manuel López Obrador.

⁷⁷ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1042740913968164864?lang=en>. Acesso em: 30 set. 2018.

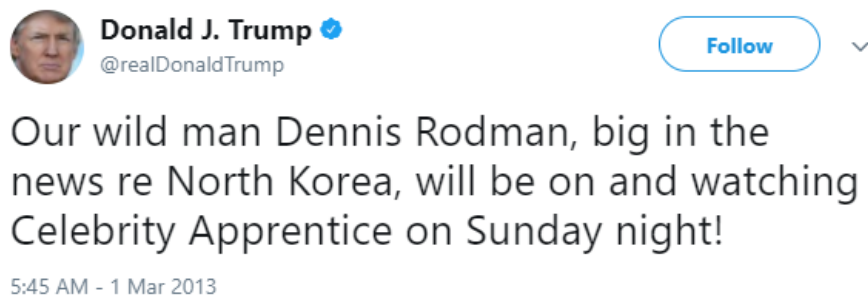
⁷⁸ The New York Times. **Trump Retreats on Separating Families, but Thousands May Remain Apart.** Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/20/us/politics/trump-immigration-children-executive-order.html>. Acesso em: 15 jul. 2018.

5.3. Tweets sobre a Coreia do Norte

Os Estados Unidos e a Coreia do Norte mantêm relações hostis desde o período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, por conta da atribuição do Paralelo 38 como a fronteira entre as zonas de ocupação soviética e americana (1945), e da Guerra da Coreia (1950-1953). No entanto, o que se sabe no que concerne a Donald Trump, é que este tece comentários sobre a Coreia do Norte desde 1999, quando concedeu uma entrevista ao jornalista Tim Russert.⁷⁹ Nela, Trump afirma que se fosse presidente, negociaria como um louco com os norte-coreanos. De acordo com ele, o maior problema do mundo era a proliferação nuclear.

A primeira vez que Donald Trump mencionou a Coreia do Norte em seu perfil do Twitter foi em março de 2013, quando se referiu ao seu programa “Celebrity Apprentice” e ao ex jogador de basquete Dennis Rodman, que participou da atração e havia viajado para o país coreano em fevereiro do mesmo ano. O inesperado ficou por conta da afirmação de Rodman durante a viagem, que declarou a Kim Jong-un que para ele e para os EUA, o ditador era um “amigo para a vida”.⁸⁰

Figura 29 — Primeiro tweet de Trump citando a Coreia do Norte



Fonte: Twitter.⁸¹

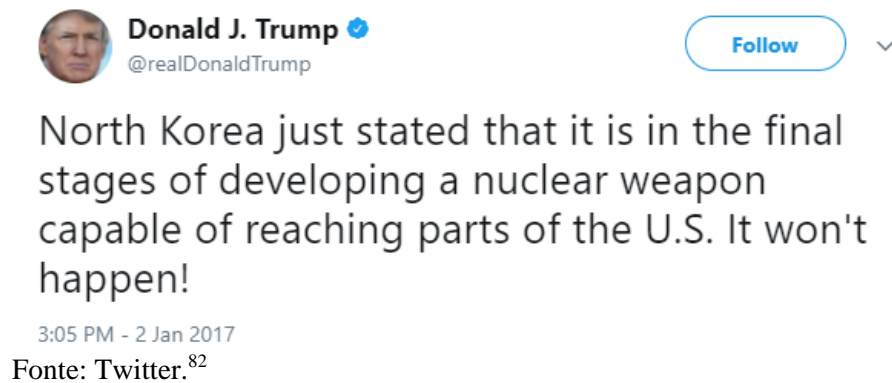
Em 2017, após o resultado positivo nas urnas, Trump passou a comentar com mais frequência sobre a Coreia do Norte. Em 1º de janeiro, durante seu discurso anual, Kim Jong-un disse que seu país se encontrava nos estágios finais do desenvolvimento de um míssil balístico intercontinental. No dia seguinte, Donald Trump reportou, via Twitter, o que Jong-un havia dito, dizendo que a arma nuclear não alcançaria partes dos EUA, ao contrário do que o ditador coreano tinha dito.

⁷⁹ YouTube. **Donald Trump - Meet the Press October 24, 1999 with Tim Russert**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_joQ1kxxZs. Acesso em: 30 dez. 2017.

⁸⁰ Daily News. **'Vice' season finale on HBO gives fresh look at Dennis Rodman's meeting with North Korea's Kim Jong-un**. Disponível em: <http://www.nydailynews.com/entertainment/tv-movies/vice-tracks-rodman-strange-days-north-korea-article-1.1357860>. Acesso em: 30 dez. 2017.

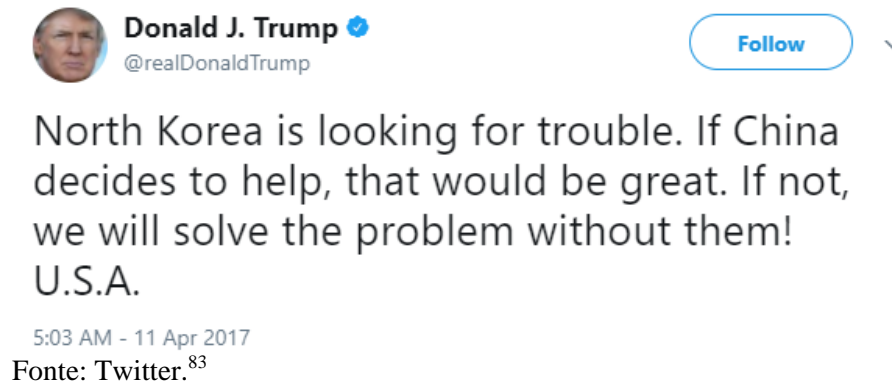
⁸¹ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/307486831828676610?lang=en>. Acesso em: 30 dez. 2017.

Figura 30 — Trump nega as afirmações de Kim Jong-un



Cinco testes nucleares foram feitos até que Trump voltasse a se manifestar sobre o assunto na plataforma social, em 11 de abril.

Figura 31— Trump adverte a Coreia do Norte e a China



No dia 5 de agosto, a Resolução 2371⁸⁴ foi adotada de maneira unânime pelo Conselho de Segurança da ONU (CSNU), em resposta aos dois testes de mísseis balísticos intercontinentais feitos no mês de julho pela Coreia do Norte. Entre as principais sanções da Resolução está a proibição da exportação de vários materiais, como o carvão, além da vedação de *joint ventures* entre o país asiático e outras nações.

Em 11 de setembro outra Resolução do CSNU foi publicada, de número 2375⁸⁵, considerada pela imprensa norte-americana como contendo as sanções mais fortes contra a

⁸² Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/816057920223846400?lang=en>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁸³ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/851767718248361986>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁸⁴ United Nations. **Security Council Toughens Sanctions Against Democratic People's Republic of Korea, Unanimously Adopting Resolution 2371 (2017)**. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2017/sc12945.doc.htm>. Acesso em: 2 jan. 2018.

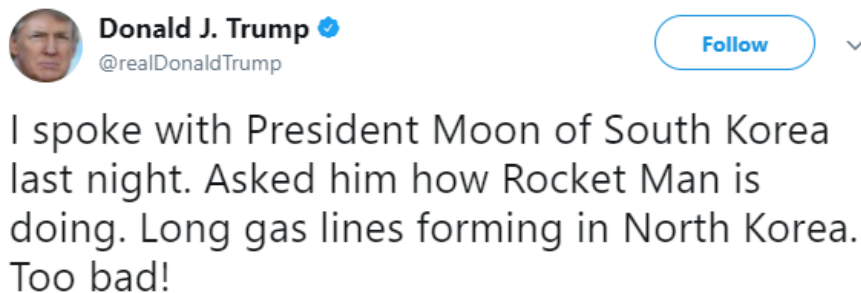
⁸⁵ United Nations. **Security Council Imposes Fresh Sanctions on Democratic People's Republic of Korea, Including Bans on Natural Gas Sales, Work Authorization for Its Nationals**. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2017/sc12983.doc.htm>. Acesso em: 2 jan. 2018

Coreia do Norte. De acordo com o que foi publicado na página da Missão dos Estados Unidos nas Nações Unidas,

Resolution 2375 (2017) includes the strongest sanctions ever imposed on North Korea. These measures target North Korea's last remaining major exports by fully banning the export of textiles (nearly \$800 million each year) and preventing overseas workers from earning wages that finance the North Korean regime (over \$500 million each year), reduces about 30% of oil provided to North Korea by cutting off over 55% of refined petroleum products going to North Korea, and fully bans all joint ventures with North Korea to cut off foreign investments, technology transfers, and other economic cooperation with North Korea. The resolution also includes strong maritime provisions enabling countries to counter North Korean smuggling activities of prohibited exports by sea.⁸⁶

No dia 17, Trump tweetou que havia conversado com o presidente da Coreia do Sul, Moon Jae-in, e que ambos tinham concordado em intensificar pressões econômicas e diplomáticas contra Kim Jong-un, que foi chamado de “homem foguete”.

Figura 32 — Trump reafirma a aliança com a Coreia do Sul



4:53 AM - 17 Sep 2017

Fonte: Twitter.⁸⁷

No dia 19 desse mesmo mês, Trump, ao discursar na Assembleia Geral da ONU, comunicou que os EUA destruiriam completamente a Coreia do Norte caso fossem forçados a defender a si mesmos ou a seus aliados. Disse ainda que mesmo que tivesse muita força e paciência, suas opções poderiam acabar brevemente, declarando que o “homem foguete” estava em uma missão suicida.⁸⁸ A partir daí, Kim Jong-un e Donald Trump passaram a trocar insultos.⁸⁹

⁸⁶ United States Mission to the United Nations. **FACT SHEET: Resolution 2375 (2017) Strengthening Sanctions on North Korea**. Disponível em: <https://usun.state.gov/remarks/7969>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁸⁷ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/909384837018112000>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁸⁸ CNN. **Trump to UN: 'Rocket Man is on a suicide mission'**. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/09/18/politics/donald-trump-un-speech-iran-north-korea/index.html>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁸⁹ CNN. **Trump: Kim Jong Un a 'madman' who 'will be tested like never before'**. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/09/22/politics/donald-trump-north-korea-tweet/index.html>. Acesso em: 2 jan. 2018.

Já no mês de novembro, no dia 28, foi anunciado pela mídia estatal norte-coreana que o país havia tido êxito no teste de um novo tipo de míssil balístico intercontinental, sendo que este seria capaz de atingir o continente americano⁹⁰. No mesmo dia, Trump disse no Twitter que era mais importante do que nunca que o governo e os militares fossem financiados, criticando o posicionamento dos democratas.

Figura 33 — Trump pede apoio ao financiamento do governo e dos militares contra a Coreia do Norte



Fonte: Twitter.⁹¹

Em 22 de dezembro, uma nova Resolução, essa de número 2379, foi aprovada pelo CSNU em resposta ao lançamento do míssil feito no dia 29 de novembro. Há, entre as sanções, a proibição a todos os Estados-membros do fornecimento, venda ou transferência direta ou indireta para a Coreia do Norte de petróleo bruto, produtos petrolíferos refinados e outros tipos de equipamentos e matérias-primas.⁹²

No último dia do ano, Kim Jong-un discursou e advertiu os EUA de que mantinha o botão nuclear sobre a mesa do seu escritório o tempo inteiro, e que todo o território norte-americano estava dentro do alcance de um ataque nuclear.⁹³ Em 2 de janeiro de 2018, Donald Trump comentou sobre a declaração de Kim Jong-un, novamente no Twitter, pedindo que

⁹⁰ CNN. **New missile test shows North Korea capable of hitting all of US mainland.** Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/11/28/politics/north-korea-missile-launch/index.html>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁹¹ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/935686205429157888>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁹² ONU BR. **Conselho de Segurança da ONU impõe novas sanções à Coreia do Norte.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conselho-de-seguranca-da-onu-impoe-novas-sancoes-a-coreia-do-norte/>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁹³ The Guardian. **Kim Jong-un: North Korea's nuclear arsenal is now complete.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/jan/01/kim-jong-un-north-korea-nuclear-arsenal>. Acesso em: 3 jan. 2018.

alguém do regime “esgotado e faminto” norte-coreano informasse ao ditador que ele, Trump, também tinha um botão nuclear, mas que era muito maior e mais poderoso, e que funcionava.

Figura 34 — Trump ameaça Kim Jong-un



Fonte: Twitter.⁹⁴

Em março, um oficial da Coreia do Sul visitou Pyongyang e afirmou que Kim Jong-un estaria disposto a discutir o futuro de seu arsenal nuclear com o presidente dos Estados Unidos, expressando também prontidão em suspender testes nucleares durante essas discussões. Pouco tempo depois de receber um relatório oficial, Trump deu o aval para que a cúpula acontecesse, ficando prevista para o mês de maio.⁹⁵

Já em abril, Trump confirmou que Mike Pompeo, à época à frente da CIA, havia encontrado Jong-un, tendo dito que tinham firmado uma boa relação⁹⁶. No mesmo mês, a Coreia do Norte afirmou a suspensão dos testes nucleares de longo alcance, e que planejava fechar o campo onde os testes eram realizados, ambas atitudes como parte de uma mudança de sua postura diante da comunidade internacional⁹⁷. O episódio foi comemorado por Trump no Twitter, sendo caracterizado como um “grande progresso”.

⁹⁴ Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/94835557022420992>. Acesso em: 3 jan. 2018.

⁹⁵ The Guardian. **Kim Jong-un to meet Trump by May after North Korea invitation**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/08/donald-trump-north-korea-kim-jong-un-meeting-may-letter-invite-talks-nuclear-weapons>. Acesso em: 9 maio 2018.

⁹⁶ BBC. **Mike Pompeo: CIA chief made secret trip to North Korea**. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-43792658>. Acesso em: 10 maio 2018.

⁹⁷ The Sun. **Kim Jong-un says he will CLOSE his nuclear test site and has suspended all further missile and nuke launches**. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/news/6107462/kim-jong-un-close-nuclear-test-site-missile-suspended/>. Acesso em: 10 maio 2018.

Figura 35 — Trump comemora o avanço nas negociações com a Coreia do Norte



Um mês depois, Pompeo retornou à Pyongyang, mas dessa vez sob o cargo de Secretário de Estado, a fim de acertar ajustes para o encontro entre Trump e Jong-un. Na ocasião, o regime norte-coreano libertou três americanos que estavam presos em seu território, fato que mostra mais um avanço e aprofundamento das relações entre os dois países. No dia 10 de maio, Trump anuncia que irá se encontrar com Kim Jong-un em Singapura em 12 de junho.

Após a cúpula, esperada com ansiedade, Trump afirmou que estava prestes a assinar um acordo com o ditador norte-coreano, mas que ainda não sabia ao certo que tipo de acordo seria. Depois, Jong-un disse que não havia sido fácil chegar até lá, mas que seu regime conseguiu ultrapassar os obstáculos que foram postos.⁹⁹ Posteriormente, no ato da assinatura do documento, ficou acordado que o líder norte-coreano reafirmava seu compromisso com a desnuclearização da península coreana; em troca, Trump concordava em prover garantias de segurança para a Coreia do Norte.¹⁰⁰

O período que sucedeu a cúpula ocorrida em Singapura se mostrou, por um tempo, como animador (apesar de episódios como o que oficiais norte-americanos concluíram que a Coreia do Norte não pretendia abrir mão completamente de seu arsenal nuclear¹⁰¹). Em julho, Trump tweetou que, se não fosse por sua causa, os EUA estariam em guerra contra a Coreia do

⁹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/987463564305797126?lang=en>. Acesso em: 9 maio 2018.

⁹⁹ CNBC. **Trump says he and Kim are 'going right now for a signing'**. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2018/06/11/donald-trump-and-kim-jong-un-meet-at-historic-summit-in-singapore.html>. Acesso em: 12 jun. 2018.

¹⁰⁰ CNN Politics. **READ: Full text of Trump-Kim signed statement**. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/06/12/politics/read-full-text-of-trump-kim-signed-statement/index.html>. Acesso em: 12 jun. 2018.

¹⁰¹ The Washington Post. **North Korea working to conceal key aspects of its nuclear program, U.S. officials say**. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/national-security/north-korea-working-to-conceal-key-aspects-of-its-nuclear-program-us-officials-say/2018/06/30/deba64fa-7c82-11e8-93cc-6d3becdd7a3_story.html?utm_term=.2d7e3530d086. Acesso em: 10 jul. 2018.

Norte.¹⁰² Ainda nesse mês, o presidente norte-americano postou no Twitter uma carta que recebeu de Kim Jong-un, e novamente alertou para o grande progresso que estava sendo feito. No escrito, Jong-un agradecia aos esforços que estavam sendo dispensados pelas autoridades norte-americanas para o estreitamento das relações entre os dois países.

Figura 36 – Trump divulga a carta de agradecimento escrita por Kim Jong-un

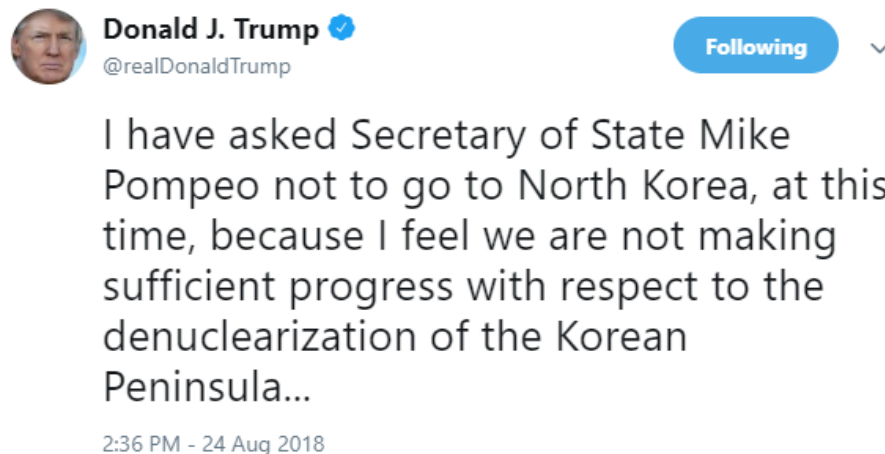


1:32 PM - 12 Jul 2018
Fonte: Twitter.¹⁰³

Porém, no mês seguinte, em agosto, Trump declarou no Twitter que havia pedido para que Pompeo não fosse até a Coreia do Norte, usando a justificativa de que, naquele ponto, sentia que não estavam realizando esforços suficientes na questão da desnuclearização, e que, por conta do cenário conflituoso de comércio com a China, acreditava que os norte-coreanos não estavam ajudando no processo, como costumavam.

¹⁰² Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1014105549624037377>. Acesso em: 5 jul. 2018.
¹⁰³ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1017446575474335744>. Acesso em: 12 jul. 2018.

Figura 37 — Trump relata fase negativa nas relações com a Coreia do Norte



Fonte: Twitter.¹⁰⁴

No mês de setembro, Trump revelou que estava planejando um segundo encontro com Jong-un, após receber uma nova carta do norte-coreano¹⁰⁵. A Secretária de Imprensa dos EUA, Sarah Sanders, disse que a carta era “muito positiva” e que a administração já estava se encarregando de realizar essa próxima reunião entre os dois líderes. A retomada de boas relações entre Estados Unidos e Coreia do Norte, após o cancelamento da visita de Pompeo, se deu, dentre outros motivos, por conta da parada militar em comemoração aos 70 anos de criação do país, na qual o regime norte-coreano demonstrou que não quer comprometer as negociações com os EUA, ao não exibir suas armas mais poderosas, e também ao não mencionar seu programa nuclear¹⁰⁶.

De maneira contraditória, a comunidade internacional afirma que poucos avanços concretos foram realizados, e, ao final do mês de setembro, o ministro das Relações Exteriores da Coreia do Norte, Ri Yong Ho, declarou na ONU que não há como o seu país concretizar o desarmamento à medida em que os Estados Unidos continuam a aplicar sanções contra Pyongyang, o que não geraria completa confiança nos norte-americanos. Ao replicar, Mike Pompeo disse que o mundo está prestes a presenciar um novo começo nas relações com a Coreia

¹⁰⁴ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1033045273361178624?lang=en>. Acesso em: 26 ago. 2018.

¹⁰⁵ The Guardian. **Trump planning second North Korea summit after Kim's 'very warm' letter**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2018/sep/10/north-korea-trump-latest-news-second-summit-kim-jong-un-letter>. Acesso em: 12 set. 2018.

¹⁰⁶ The Guardian. **North Korea stages huge military parade to mark 70th anniversary**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/sep/09/north-korea-stages-huge-military-parade-to-mark-70th-anniversary>. Acesso em: 11 set. 2018.

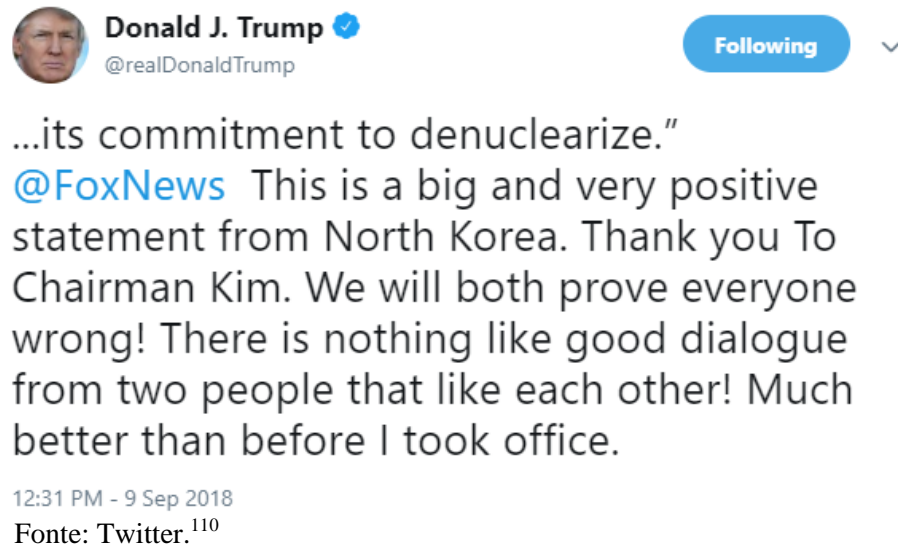
do Norte, mas que as sanções internacionais devem permanecer, até que se perceba uma completa e definitiva desnuclearização¹⁰⁷.

Curiosamente, em uma de suas mais recentes declarações, Trump declarou — no dia seguinte às críticas do chanceler norte-coreano — que ele e Kim Jong-un estão “apaixonados”.¹⁰⁸

Figura 38 — Trump elogia a parada militar em comemoração aos 70 anos da Coreia do Norte



Figura 39 — Trump elogia a parada militar em comemoração aos 70 anos da Coreia do Norte (Parte 2)



¹⁰⁷ Chicago Tribune. **US seeks to keep North Korea sanctions; Russia, China object.** Disponível em: <http://www.chicagotribune.com/news/nationworld/sns-bc-un--united-states-north-korea-20180927-story.html>. Acesso em: 3 out. 2018.

¹⁰⁸ Time. **President Trump Says He and Kim Jong-Un 'Fell in Love'.** Disponível em: <http://time.com/5411002/trump-kim-jon-un-fell-in-love/>. Acesso em: 4 out. 2018.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1038809595219791872>. Acesso em: 11 set. 2018.

¹¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1038812262549663744>. Acesso em: 11 set. 2018.

No que tange às relações diplomáticas entre Estados Unidos e Coreia do Norte, é nítida a inicial preocupação de Donald Trump com o arsenal nuclear de Kim Jong-un. Não só de Trump, mas de grande parte da comunidade internacional, algo que pode ser percebido através das Resoluções publicadas pela ONU durante o ano de 2017, período em que as tensões com o regime norte-coreano aumentaram. Diante da repercussão e das consequências que essa inimizade gerou, é quase que assustador quando fazemos a comparação entre o discurso que Trump proferiu na Assembleia Geral da ONU em setembro passado (no qual afirmou que destruiria a Coreia do Norte se não tivesse escolha), e o discurso feito na Assembleia Geral deste ano, quando elogiou Jong-un ao adjetivá-lo como “fantástico” e explicitar que espera ansiosamente por um encontro em um futuro não tão distante¹¹¹.

Por fim, pode-se dizer que se trata de uma *issue* que passou pelo estágio de securitizada, porque há vários atos de fala que apresentam uma ameaça e um objeto referente, além da existência de tomadas de decisão de caráter emergencial, e da aceitação da “audiência” de que a ameaça existe, já que se especulou muito sobre uma possível Terceira Guerra Mundial. Surpreendentemente, houve uma convergência de interesses entre os dois países e, desde então, temos notado uma relação de altos e baixos, com cooperação e um estreitamento de relações por parte de ambas as nações envolvidas no caso, mas também com troca de acusações. Resumidamente, a *issue* da Coreia do Norte deixou de ocupar o status de securitizada, e podemos afirmar que, atualmente, configura-se como politizada. De qualquer forma, devemos continuar a acompanhar os próximos desdobramentos da situação.

6. CONCLUSÃO

Donald Trump está à frente da — ainda — maior potência mundial. Sendo assim, cada ação que toma e cada opinião que emite é capaz de influenciar toda a política internacional. O diferencial de sua gestão está na maneira em que se pronuncia e que se comunica: Trump faz um amplo uso de mídias sociais, sendo o Twitter a principal delas. Através disso, este trabalho procurou observar e analisar alguns temas que ocupam, para Trump, um lugar prioritário em sua agenda quando o assunto é segurança.

¹¹¹ The Telegraph. **Trump praises Kim Jong-un as 'terrific' and pledges to hold second summit**. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2018/09/25/trump-praises-kim-jong-un-terrific-pledges-hold-second-summit/>. Acesso em: 1 out. 2018.

Para tanto, construímos e apresentamos uma discussão traçada desde o início do processo de incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação à área de estudos das Relações Internacionais, mesmo antes do surgimento das mídias sociais, que são um elemento chave em nosso trabalho. Mostramos também o quão importantes são essas mídias, que se tornaram um poderoso instrumento de política externa, sendo adotadas por praticamente todos os líderes mundiais. Ao final do nosso trabalho, comprovamos que o aporte teórico da Escola de Copenhague é uma valiosa e interessante ferramenta de análise quando se quer estudar a agenda de segurança norte-americana, mesmo se a fonte do discurso se der em forma de tweets, algo até então inusitado.

De toda forma, é necessário lembrar que 2018 é apenas o segundo ano de mandato do empresário norte-americano, o que significa que os temas trazidos aqui são todos muito atuais e que ainda podem gerar vários desdobramentos, sem falar que novas questões podem ser adicionadas à agenda securitária dos Estados Unidos. Desta forma, podemos afirmar que o tempo se faz um elemento primordial para que possamos observar os possíveis e os atuais processos de securitização. Em outras palavras, temas que por ora são considerados apenas politizados podem vir a ocupar, por exemplo, a posição mais extrema da politização: a securitização; e o percurso contrário também pode acontecer, a exemplo do que expusemos sobre a questão das relações entre EUA e Coreia do Norte. Finalmente, podemos concluir que a tecnologia trazida pela Internet e pelas próprias redes sociais, como foi possível ver no decorrer deste trabalho, é e continuará sendo de suma importância para o delinear e o acompanhamento dos rumos da política internacional durante o governo de Donald Trump.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADESINA, Olubukola. **Foreign Policy in an Era of Digital Diplomacy**. Cogent Social Sciences, vol. 3, issue 1, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23311886.2017.1297175>. Acesso em: 19 mar. 2018.

ARRAIS, César Henrique. **A Mídia nas Relações Internacionais: aproximações epistemológicas**. Artigo (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7926/1/2014_CesarHenriqueArrais.pdf. Acesso em: 17 mar. 2018.

BURITY, Caroline Rangel Travassos. **A influência da mídia nas relações internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de diplomacia midiática**. Revista Contemporânea (UERJ. Online), v. 11, p. 164-177, 2013. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/3349>. Acesso em: 29 mar. 2018.

CASTELLS, Manuel. Informationalism, Networks, and the Network Society: a theoretical blueprint. In: _____. **The network society: a cross-cultural perspective**. Northampton, Edward Elgar Publishing, 2004.

DER DERIAN, James. **The Question of Information in International Relations**. Millenium: Journal of International Studies, vol. 32, issue 3, 2003, p. 441-456. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/03058298030320030501>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Donald Trump (@realDonaldTrump). Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump>.

DUNCOMBE, Constance. **Twitter and transformative diplomacy: social media and Iran-US relations**. International Affairs, vol. 93, issue 3, 2017, p. 545-562. Disponível em: <https://academic.oup.com/ia/article/93/3/545/3077244>. Acesso em: 20 maio 2018.

FRAZÃO, Pedro. **Ciberpolítica Global: considerações sobre o impacto das TIC nas Relações Internacionais a partir do caso da Primavera Árabe**. 2014. Disponível em: http://aucip.org.uy/docs/v_congreso/ArticulospresentadosenVcongresoAucip/AT12-OpinionPublicayComunicacionPolitica/PedroOliveiraFrazao%20CiberpoliticaGlobal.pdf. Acesso em: 16 jun. 2018.

GAINOUS, Jason; WAGNER, Kevin M. **Tweeting to Power: the social media revolution in American politics**. New York, Oxford University Press. 2014. Disponível em: <http://www.oxfordscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780199965076.001.0001/acprof-9780199965076>. Acesso em: 20 mar. 2018.

GILBOA, Eytan. **Global Communication and Foreign Policy**. Journal of Communication, vol. 52, issue 4, 2002, p. 731-748. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1460-2466.2002.tb02571.x>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GRANT, Richard. **The democratisation of diplomacy: negotiating with the Internet**. Oxford Internet Institute, research report n. 4, 2004. Disponível em: <https://www.oii.ox.ac.uk/archive/downloads/publications/RR5.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2018.

KATZ, James E.; BARRIS, Michael; JAIN, Anshul. **The Social Media President: Barack Obama and the politics of digital engagement**. New York, Palgrave Macmillan, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305489640_The_Social_Media_President_Barack_Obama_and_the_Politics_of_Digital_Engagement. Acesso em: 25 set. 2018.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Power and Interdependence**. Nova Iorque, Editora Longman. 2001.

MALIK, Mohan. **Technopolitics: How Technology Shapes Relations Among Nations**. The Interface of Science, Technology & Security, vol. 12, 2012, p. 21-27. Disponível em: <https://apcss.org/wp-content/uploads/2012/12/Mohan-Malik.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

NARBONA, Juan. **Digital leadership, Twitter and Pope Francis**. Church, Communication and Culture, vol. 1, 2016, p. 90-109. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311356243_Digital_leadership_Twitter_and_Pope_Francis. Acesso em: 20 ago. 2018.

NYE, Joseph. **Cooperação e Conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo, Editora Gente. 2009.

ROBINSON, Piers. **Theorizing the Influence of Media on World Politics**. European Journal of Communication, vol. 16, issue 4, 2001, p. 523-544. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0267323101016004005>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ROCHA, William Monteiro. **Tecnologia enquanto 'nova' fonte de Poder nas Relações Internacionais: a Vanguarda Estratégica e os Gap's tecnológicos**. In: 3o Seminário de Relações Internacionais Graduação e Pós-graduação da ABRI, 2016, Florianópolis. Disponível em: http://www.seminario2016.abri.org.br/resources/anais/23/1474739168_ARQUIVO_ROCHA_W.TecnologiaePodernasRI.pdf. Acesso em: 10 jun. 2018.

ROTHKOPF, David. **Cyberpolitik: The Changing Nature of Power in the Information Age**. Journal of International Affairs, vol. 51, n. 2. 1998, p. 325-359. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/24357498?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 25 maio 2018.

SEIB, Philip. **Real Time Diplomacy: politics and power in the social media era**. Hampshire, Palgrave Macmillan, 2012.

TANNO, Grace. **A Contribuição da Escola de Copenhague aos Estudos de Segurança Internacional**. Rio de Janeiro, Revista Contexto Internacional. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cint/v25n1/v25n1a02.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2018.

The Information and Communication Revolution and International Relations. 2015. Disponível em: https://annenbergl.usc.edu/sites/default/files/2015/08/11/The_Information_and_Communication_Revolution_and_International_Relations_0.pdf. Acesso: 26 ago. 2018.

VALENTE, Leonardo. **Política Externa na Era da Informação**. Rio de Janeiro, Revan. 2007.

WAEVER, Ole; BUZAN, Barry; WILDE, Jaap de. **Security: a New Framework for Analysis**. Londres, Lynne Rienner Publishers. 1998.

WEISS, Charles. **Science, technology and international relations**. *Technology in Society*, vol. 27, 2005, p. 295-313. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/251513060_Science_Technology_and_International_Relations. Acesso em: 25 abr. 2018.

WILLIAMS, Michael C. **Words, Images, Enemies: Securitization and International Politics**. *International Studies Quarterly*, vol. 47, issue 4, 2003, p. 511-531. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.0020-8833.2003.00277.x>. Acesso em: 10 mar. 2018.